



BUMBA MEU BOI DO MARANHÃO

Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade

Fotografia **Márcio Vasconcelos**

Texto **Celso Borges**

Ilustração **Cláudio Vasconcelos**



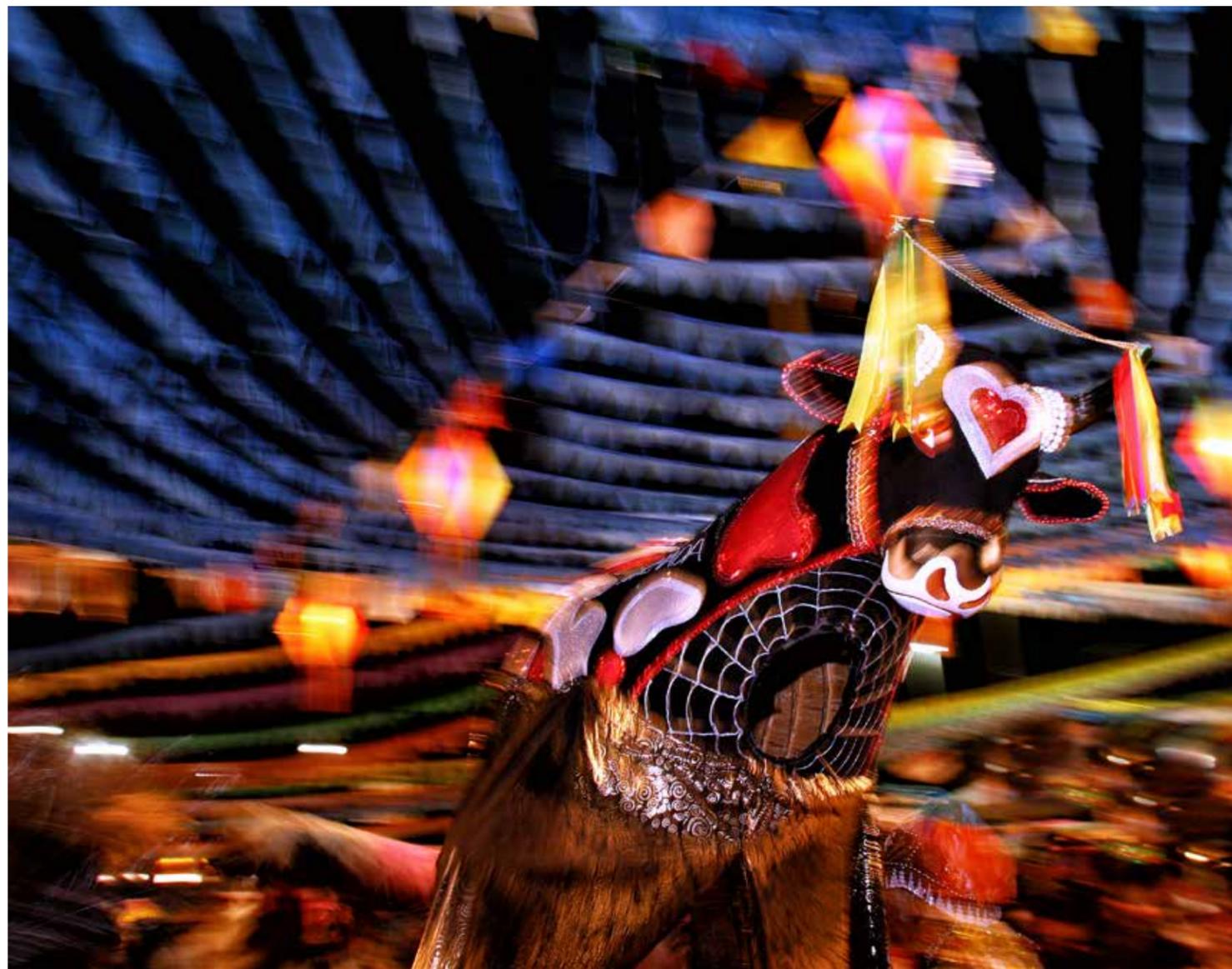
TUM, TUM... TUM, TUM... TUM, TUM... TUM, TUM... TUM, TUM...

NAS ÁGUAS

Toada de Jeco do Pindaré

Adaptação Josias Sobrinho

*As águas do Itaqui
É uma beleza dez horas da noite
Lá pro fundo a gente vê
Quando a noite selença
Farol de São Marco alumeia
Quer dizer que as aba dos peixe relampeia*



Novilho do Boi de Ribamar

Bumba Meu Boi do Maranhão

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DA HUMANIDADE

Concepção e Fotografia
Márcio Vasconcelos

Texto
Celso Borges

Projeto Gráfico
Maurício Vasconcelos

Ilustração
Cláudio Vasconcelos

São Luís · Maranhão · Brasil
2022

Este projeto foi contemplado pelo XVI Prêmio Funarte Marc Ferrez de Fotografia 2021

Realização

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES
funarte



Rajados dos bois sotaque da Baixada



A ALMA DE UM POVO QUE DANÇA

O Complexo Cultural do Bumba Meu Boi do Maranhão integra o seletor grupo que reúne outras cinco expressões da cultura brasileira na lista representativa do Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade no Brasil. Está ao lado do Samba de Roda do Recôncavo Baiano, da Arte Kusiwa – Pintura Corporal de Arte Gráfica Wajãpi, do Frevo: Expressão Artística do Carnaval do Recife (PE), do Círio de Nossa Senhora de Nazaré de Belém (PA) e da Roda de Capoeira, presente em todo o país.

Mas o que vem a ser realmente um patrimônio imaterial? Que significado tem para a grande celebração da cultura popular universal? De que forma esse título pode contribuir para a permanência da magia do bumba meu boi do Maranhão no espaço e no tempo?

De acordo com a Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, aprovada pela Unesco – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – em 2003 e ratificada pelo Brasil três anos depois, esse patrimônio é composto por práticas, representações, conhecimentos e técnicas. Isso e mais os instrumentos, objetos, artefatos e lugares que comunidades, grupos e, em alguns casos, indivíduos, reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural.

O entendimento da Unesco, ao declarar Patrimônio Cultural Imaterial um conjunto de saberes transmitido de geração a geração é que ele é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história. E também despertar um sentimento de pertencimento que contribua para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana.

O primeiro passo para que o Complexo Cultural do Bumba Meu Boi do Maranhão conquistasse esse reconhecimento deu-se em agosto de 2011, quando o Iphan – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – declarou esse gênero da cultura popular maranhense como Patrimônio Cultural do Brasil. Após a conquista do título, por recomendação do Iphan, foi criado o Comitê Gestor da Salvaguarda do Complexo Cultural do Bumba Meu Boi do Maranhão. O comitê começou, a partir de então, a trabalhar com o objetivo de construir um Plano de Salvaguarda*.

Para discutir as medidas contidas nesse plano, o comitê contou com representantes dos grupos de bumba meu boi, do poder público e da sociedade civil. Todos unidos com o objetivo de criar as condições necessárias para o estabelecimento de uma parceria entre o Estado e as comunidades a fim de

propor, implementar, acompanhar e avaliar as ações de salvaguarda a serem executadas pelo Iphan.

Em 2012 foi iniciada a preparação da candidatura do bumba meu boi do Maranhão para a Lista Representativa do Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade. Em 2017, o Iphan reuniu-se com representantes de grupos de todos os sotaques e apresentou a primeira versão do documento às comunidades, para aprovação e ajustes.

Dois anos depois o esforço foi premiado e o Complexo Cultural do Bumba Meu Boi do Maranhão tornou-se Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade. O título foi concedido durante a 14ª Reunião do Comitê Intergovernamental para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, em Bogotá, na Colômbia, no dia 11 de dezembro de 2019. Uma data que fica marcada para sempre na história da cultura popular maranhense.

PATRIMÔNIO CULTURAL DA HUMANIDADE

João Chiador*

Boi de Ribamar - Sotaque de Matraca

Patrimônio Cultural da Humanidade

É linda sua capital São Luís do Maranhão

A lenda diz que a ilha é cheia de assombração

Que uma santa prende a serpente

Lá na Fonte do Ribeirão

Se essa serpente escapar lá do porão

Acreditem, minha gente, vai ao fundo o Maranhão



Ilha de encanto e magia

Bumba-Boi tem todo dia

Tambor de Crioula e candomblé

O teu clima é tropical

Tem a Festa do Divino e São João

São Pedro, São Marçal e São José

Tuas praias lindas que o turista nunca esqueceu

És Atenas Brasileira

Terra das Palmeiras onde o poeta nasceu

*Plano que visa criar medidas para garantir a viabilidade do patrimônio cultural imaterial, dentre as quais identificação, documentação, investigação, preservação, proteção, promoção, valorização e transmissão – essencialmente por meio da educação formal e não-formal – e revitalização deste patrimônio em seus diversos aspectos.

*Nascido João Costa Reis em agosto de 1938, João Chiador dedicou-se por mais de 60 anos ao bumba meu boi do Maranhão. Filho do cantor Cândido Reis, ganhou o apelido por gostar de reproduzir o ruído dos caminhões da Companhia Ulen, operadora do serviço de bondes elétricos. Aos 22 anos dividia os vocais do Boi da Maioba com o lendário Luís Dá Na Vó, cantor oficial do grupo. Com a morte de Luís, em 1963, assumiu o comando do batalhão, onde permaneceu por 32 anos. Foi para o Boi de Ribamar em 1992 e ficou lá até 2017, ano de sua morte. Em 1997, quando a cidade foi tombada como Patrimônio Mundial da Humanidade pela Unesco, ele fez essa toada para São Luís.



Rituais de batismo em povoados de Matinha e Viana



CELEBRAÇÃO E REFLEXÃO

A grande família de mestres e mestras, instrumentistas, brincantes, entes públicos e sociedade civil, recebeu a honraria com grande alegria e também como oportunidade para reflexão e ampliação das estratégias de preservação. É um título para ser festejado, sim, mas ao mesmo tempo sinaliza a necessidade de que sejam implementadas políticas públicas de valorização e preservação cultural.

Chagas*

*Se não existisse o sol
Como seria pra terra se aquecer
E se não existisse o mar
Como seria pra natureza sobreviver
E se não existisse o luar
O homem viveria na escuridão
Mas como existe tudo isso, meu povo
Eu vou garantir meu batalhão de novo*

“São João pra mim é tudo.
Minha arma é minha voz”



*Ex-pescador de Icatu, interior do Maranhão, onde nasceu em 16 de junho de 1969, Francisco de Sousa Correa ainda não tinha 20 anos quando foi convidado para participar de um ensaio do Boi da Maioba. Três anos depois, com a saída de João Chiador, tornou-se o principal cantador do grupo. Conhecido por suas toadas desafiadas, Chagas escolhia quase sempre como alvo os grandes Chiador e Humberto de Maracanã, mas nunca deixou de respeitá-los. *Se não existisse o sol* é sua toada mais famosa. “Se não tivesse o sol e a lua, como é que Humberto de Maracanã ia fazer suas toadas, já que a maioria delas é inspirada na natureza?” Chagas deixou a Maioba em 2016 e hoje é o principal cantador do Boi de Ribamar, mesmo caminho traçado por Chiador.

Hermano Queiroz

Diretor do Departamento de Patrimônio Imaterial
do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)

“É importante que haja uma comunhão de esforços para fortalecer algumas práticas, como a questão dos sotaques, por exemplo, o artesanato de tradição e a fabricação dos instrumentos musicais. Além disso, é preciso estimular a educação patrimonial nas escolas, justamente para que os valores desse bem imaterial sejam transmitidos para as próximas gerações.”

José Inaldo Ferreira

Presidente do Boi da Maioba

“O título é um incentivo a mais para que a gente continue desenvolvendo ações, como as oficinas artísticas de bordados e de confecção de indumentárias, entre outras, que contribuem para manter viva a tradição. Mas é preciso também que o poder público faça a sua parte, fomentando, criando políticas públicas e nos dando o apoio necessário para fazermos um trabalho voltado para crianças e adultos.”

Alcione Nazaré

Cantora

“O bumba meu boi do Maranhão é especial, é único, é a maior riqueza cultural do nosso estado e, por isso, recebeu essa honraria tão grande da Unesco.”

Nadir Cruz

Diretora do Boi da Floresta

“A gente sabe que ser Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade é o maior estágio de reconhecimento que podemos atingir, é como chegar ao pódio. Esse título nos dá orgulho, nos sentimos reconhecidos mundialmente pelo trabalho que fazemos. Mas sabemos também que de nada vale esse título de excelência se não tivermos políticas públicas afirmativas para o setor.”

Maria José Soares - Maria do Maracanã

Presidente da Associação Beneficente Folclórica e Cultural de Maracanã

“O reconhecimento é um prêmio para os boieiros, principalmente os mais antigos. A luta veio de Chico Naiva, Humberto, Adelino, Dico, Chiador, Zé Alberto. Nós, de uma geração mais jovem, colhemos os frutos, mas a trajetória de ser isso que o boi é hoje, foram eles que fizeram. Agora o que a gente precisa é que as pessoas que estão hoje numa pasta cuidando disso, tenham o mesmo carinho que a gente tem em cuidar dos grupos e das pessoas que fazem o boi.”

Leila Naiva

Presidente de Honra do Boi de Axixá

O que as pessoas não podem esquecer é que toda essa valorização do bumba meu boi existe por causa dos mais antigos. Foram eles que deram esse status e reconhecimento para o boi. A gente tem de ter cuidado com os aproveitadores, tanto no meio das autoridades quanto dos grupos. Quem trabalhou esses anos todos para que isso acontecesse fomos nós, é resultado de muito esforço, trabalho e dedicação.”

Prof. Dr. Antônio Francisco de Sales Padilha

Prof. Associado da UFMA

"Quando olhamos para o percurso do bumba meu boi, uma brincadeira comunal, que muitas vezes existiu como pagamento de uma promessa ao santo, e hoje é tão festejada, não podemos esquecer o quanto foi desrespeitado em sua origem. Uma brincadeira perseguida e proibida por surgir de negros que propunham a inversão de mundos, onde o negro e o índio seriam os protagonistas enquanto o branco era ridicularizado. Mas com a resistência e resiliência dos seus brincantes, rompe todos os preconceitos, se afirma, é autorizado, estimulado, reconhecido como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade e confirma que a subjugação de um povo só se dá quando não há fé, resistência e luta."



Vaqueiro do Boi de Maracanã pagando promessa pra São João

ORIGEM

O registro do bumba meu boi como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade é o reconhecimento de sua importância para a cultura do Maranhão como algo único, diferente de todos os outros folguedos do universo popular. Uma história que começou há vários séculos, ainda na pré-história, onde há vestígios do culto ao boi, e passa pelas civilizações antigas. Na obra do dramaturgo Ésquilo, considerado o pai da tragédia grega, a figura do animal aparece em um trecho da trilogia Oréstia: – *Um grande boi está na minha língua*. Mas não precisamos voltar tanto no tempo para constatar que a figura do boi está presente em todas as eras, sociedades e tribos ao longo da história.

Antes de João Cândia, Coxinho, Humberto, Chagas, João Chiador, entre outros grandes mestres, cantarem os santos de sua devoção, as toadas vinham sendo de alguma forma compostas ancestralmente no continente africano e nas Américas. Mas foi no Brasil, na metade do século XIX, que começaram a se anunciar os primeiros traços do que hoje denominamos Complexo Cultural do Bumba Meu Boi do Maranhão, que envolve, além da brincadeira, diversos bens associados.

Embora seja no Maranhão que o bumba meu boi apareça de maneira mais potente, vigorosa e plural, espalhando-se de forma mítica por meio de grupos de dança, músicos, aspectos gastronômicos e diversas influências culturais, a brincadeira também ocorre em outros estados brasileiros, como Rio Grande do Norte, Santa Catarina, Amazonas etc., cada uma guardando características próprias.

O país inteiro é uma espécie de reinado do boi, mas é no Maranhão que a majestade vive de forma mais intensa. Se o Brasil todo é sacudido por muitos folguedos na época da festa de São João, a impressão que se tem é de que nesse estado há todos eles, formando um conjunto único de ritmos e batuques.

O Complexo Cultural do Bumba Meu Boi do Maranhão é dividido em gêneros, conhecidos como sotaques. Os mais conhecidos são os de matraca, orquestra, zabumba, baixada e costa de mão. Segundo levantamento do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional feito há cerca de 10 anos, são mais de 400 grupos em atividade atualmente, localizados nas zonas urbana e rural de São Luís e em pelo menos 75 municípios.

Os grupos dos sotaques de matraca, ou da Ilha, atuam em São Luís, São José de Ribamar, Paço do Lumiar e Icatu; os da Baixada, em povoados da Baixada Ocidental do Estado; os de zabumba e costa de mão, no Litoral Ocidental Maranhense; e os do sotaque de orquestra podem ser encontrados na capital e em seis municípios da região do Munim.

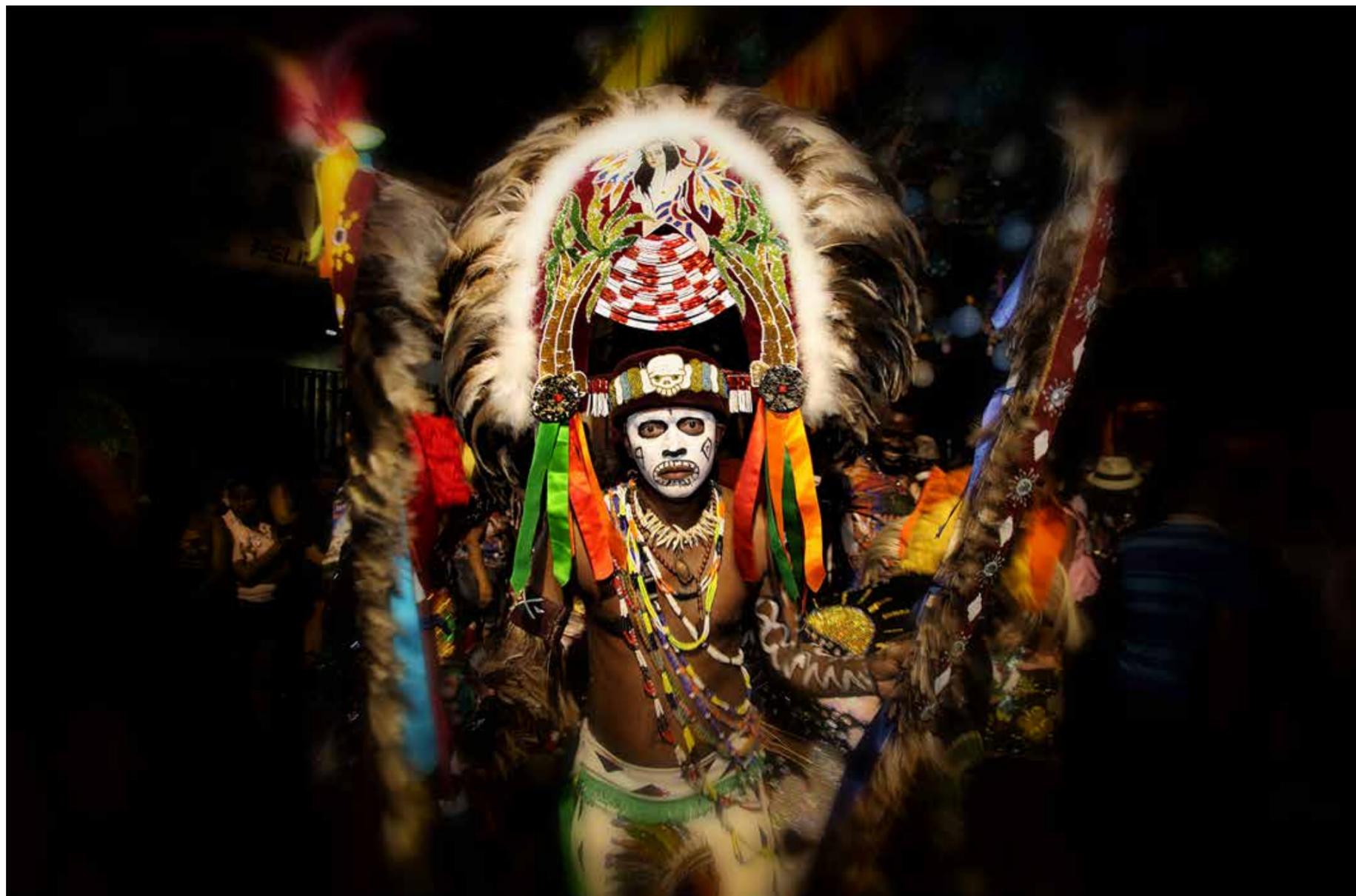
Não é impossível localizar o sotaque de alguns bois em outras regiões, que não as originais, principalmente os grupos de orquestra, que pela sua popularidade são difundidos por várias cidades do Maranhão (mais detalhes no item Grupos e Sotaques).

Do meio rural para o mundo urbano, aos poucos os grupos de bumba meu boi foram ocupando mais espaços. Em São Luís, fixaram-se em bairros da periferia e nunca se apresentavam no centro e arredores. Os brincantes andavam a pé a noite inteira, saídos das matas quase fechadas, quintais, terreiros, chão de terra batida do interior da ilha. Muitas vezes caminhavam por ruas sem luz elétrica, guiados pelos lampiões, petromax ou latas de óleo, que clareavam como faróis as trilhas de terra.

Seguiam dos bairros do Anil até o João Paulo, beirando o centro pelo Areal até alcançar o Caminho da Boiada, passando pelo Belira, Camboa e só mais tarde seus pés puderam mapear a geografia das ruas do centro da cidade.

DOS TERREIROS AOS PALCOS

Os estudiosos se dividem quanto à origem da brincadeira. A principal corrente defende a teoria de que o bumba meu boi surgiu ainda durante o período colonial, ligado ao ciclo do gado.



Índio do Boi de Santa Fé, sotaque da Baixada

MAGIA E DIVERSIDADE

A força do bumba meu boi é soberana, mas não se mantém sem uma série de outros gêneros que se desenvolvem ao seu redor, formando um conjunto monumental de magia, ritmo e beleza único no mundo. No Maranhão, onde tem bumba meu boi tem tambor de crioula, cacuriá, tambor de mina, lelê, dentre outras manifestações. Todas filhas da miscigenação que demonstra, em cada corpo, em cada voz, em cada bordado e em cada gole de cachaça, o poder ancestral de um povo.

Embora nascida no terreiro de gente simples, essa festa dinâmica, diversa, mítica, pagã e cristã, desenvolve-se como uma trama complexa mais profunda que a narrativa registrada nas toadas.

A FESTA E OS PERSONAGENS

Laurentino*

Boi que morre é boi de cumê

Boi de brincã só brinca de morrer

O bumba meu boi é um gênero da cultura popular brasileira caracterizado como dança dramática. No Maranhão é realizado em um ciclo anual que se inicia por volta do sábado de aleluia, em março ou abril, e prossegue até setembro ou outubro, com auge no mês de junho. Nesse período ocorrem ensaios e rituais de renascimento, batismo, morte ou matança, além das apresentações públicas, originalmente com auto e dança.

Nos ensaios preparam-se novas toadas que são cantadas no período junino. A matança é realizada entre julho e outubro. O auto, conhecido como palhaçada, dura várias horas e é a parte teatral da apresentação. Raramente encenado na capital, ainda pode ser visto em algumas cidades do interior.

Ligado à religiosidade popular, o bumba meu boi no Maranhão é símbolo de devoção, originado tradicionalmente por uma promessa a São João, cujo pagamento é fazer a brincadeira a cada ano, em feitiço de oração. Em torno dos santos celebrados no mês de junho, Antônio, João, Pedro e Marçal, programam-se os ritos. Primeiro com o batismo do boi, dia 23, véspera de São João; depois, na passagem de 28 para 29, dia de São Pedro, em que os grupos da Ilha se reúnem na capela de São Pedro, no bairro da Madre Deus; e no dia 30, no último grande encontro, com os batalhões de matraca reunidos durante todo o dia no bairro do João Paulo.

A dança tem características indígenas e negras e o enredo guarda origens mitológicas portuguesas, com elementos dos três grupos étnicos formadores da identidade brasileira. Muitos dos participantes são trabalhadores rurais, estivadores, pescadores, comerciantes e aposentados, unidos na fé e na música.

O principal personagem do bumba meu boi é a figura de um boi feito de madeira, coberto de veludo e bordado com miçangas e canutilhos. Por dentro da armação, um homem dança, o "miolo", fazendo evoluções durante a apresentação, no ritmo das toadas.

A narrativa, repetida pela maioria dos grupos todos os anos, é baseada na história de Catirina, mulher do vaqueiro Francisco, que está grávida e deseja

comer a língua do boi preferido do amo, dono da fazenda onde ocorre a trama. Chico mata o boi para satisfazer o desejo da mulher e foge. Capturado, é castigado enquanto o amo, inconformado, recorre aos índios ou aos cazumbas – personagens míticos –, que ressuscitam o boi.

Renascido, a cada ano o animal dança nos terreiros maranhenses, para alegria geral, ao lado de Pai Francisco e Catirina, que brincam entre caboclos de pena e fita, índias, cazumbas e vaqueiros.

As apresentações em São Luís e no interior do estado são diferentes. Na capital, obedecem a um roteiro que se inicia com o Guarnicê – toadas de preparação do grupo e afinação dos instrumentos; segue com o Lá Vai – toada de boas-vindas; Chegada ou Chegança – toadas em que o grupo diz a que veio; Toadas de Cordão – conjunto de toadas para a evolução das dançadas; Urroul – ponto alto da apresentação, com a principal toada do ano e as mais conhecidas do grupo; e por fim a Despedida – com a toada que marca o fim da cena.

Além dos brincantes, existe a plateia que fica mais próxima (quando a apresentação ocorre no chão), conhecida como sistença (assistência), que se reúne aos integrantes para 'brincar o boi'.

DESPEDIDA (ADEUS)

Zió

Boi da Liberdade - Sotaque de Zabumba

*Pela folha das palmeira
Vejo pássaros cantando
E no chegar da noite
É que venho me alebrando
Quanto mais o tempo passa
A idade vem chegando
E adeus, e adeus
Sistência linda eu já vou me arretirando*



Baiante de Fitas do Boi de Santa Fé

DEVOÇÃO E FESTA

O bumba meu boi do Maranhão está inserido em um conjunto de múltiplas expressões, performances dramáticas, musicais e coreográficas, além de artesanato, bordados, instrumentos, entre outros. A reunião de todos esses elementos forma um complexo cultural, uma grande celebração em que se articulam várias representações e saberes numa mistura de devoção e festa.

O tambor de crioula destaca-se dentro desse conjunto como o gênero de manifestação popular mais próximo do bumba meu boi. Algumas agremiações são formadas por um boi e um tambor. É o caso dos grupos da Liberdade e da Floresta, respectivamente criados pelos mestres Leonardo e Apolônio Melônio.

Dança de umbigada de origem africana feita em louvor a São Benedito, o tambor de crioula conta com três instrumentistas, todos homens, que tocam os tambores enquanto as dançarinas, as coreiras, fazem evoluções numa dança de roda. O ponto alto é a pungada (umbigada), que simboliza a troca de coreiras dentro da roda.

Os cultos religiosos afro-brasileiros realizados no Maranhão, como o tambor de mina e o terecô, também estão presentes nessa celebração por meio do sincretismo entre os santos juninos e os orixás, voduns e encantados que requisitam um boi como obrigação espiritual.

O tambor de mina é um ritual religioso de raiz africana que teve início no século XIX na Casa das Minas*. Sua característica é o transe e o ritmo dos tambores que marca a dança das mulheres, em círculos. O nome remete à Costa da Mina, atual Gana, de onde foram embarcados os escravizados trazidos para o Maranhão.

*Fundada nas primeiras décadas do século XIX, a Casa Grande das Minas ou Casa das Minas Jêje é um dos mais antigos centros religiosos de procedência africana no Brasil. Localizada no Centro Histórico de São Luís, está desde 2002 entre os terreiros tombados como patrimônio cultural pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

PAROU PRA QUENTAR

Toada de Mestre Felipe

*Ô Felipe, tu me escuta
Escuta que eu vou contar
Eu estando aqui na roda
Eu não posso mais parar*

Cesar Teixeira

Compositor

*No Beco das Minas
Entre as lamparinas
Não há mais ninguém
Que conte as histórias
das almas carpinas
que o Beco das Minas tem*

GRUPOS E SOTAQUES

Toada de Zé Olhinho

Gravada por João Cântio no disco do Boi de Pindaré [1972]

*Sereiô, sereia,
Foi a sereia que mandou me chamar
Ela mora num monte de pedra
no oceano e lá no meio do mar
ela quer ver se decora o meu boi*

“Meu amigo, essa toada ficava uma loucura com aquela porção de homem cantando. Quando chegava nesses dois pontos final, parece que as vozes se amaciavam uma com a outra, ficava lindo demais. E eu me senti tão feliz em ter feito aquela toada e ele ter pedido pra cantar, porque eu achei que eu estava sendo prestigiado com aquilo, ele um veterano, uma onça esbrabejada me pedir pra cantar uma toada minha, tu é doido, rapá!”

Depoimento de Zé Olhinho sobre João Cântio

Dentro da enorme variedade de danças, coreografias, cores, instrumentos, indumentárias, sons e couros, é quase impossível reduzir a um único olhar toda a diversidade que torna o bumba meu boi uma das manifestações mais ricas da cultura popular brasileira. Uma forma de classificação se dá por meio da divisão por sotaque.

De acordo com o dicionário Houaiss de língua portuguesa, a palavra sotaque significa "a pronúncia característica de um país, de uma região, de um indivíduo etc". No território do bumba meu boi, o sotaque é o equivalente à "pronúncia característica dos grupos". Essas variações foram registradas pelo pesquisador Américo Azevedo Neto, referência no assunto, a partir de três grupos étnicos: o africano, o indígena e o branco. O grupo africano deu origem aos sotaques de zabumba e costa de mão; o indígena, aos de matracas: bois da Ilha e da Baixada; e do grupo branco derivou o sotaque de orquestra.

Os grupos africano e indígena são os que mais respeitam a tradição, embora também venham sofrendo transformações ao longo do tempo. “Novos instrumentos foram incluídos, alterando o som. Intensificaram ou amainaram as batidas, fazendo surgir as variações rítmicas. E no guarda-roupa peças foram criadas ou suprimidas em obediência, tanto às condições locais quanto ao gosto predominante no conjunto”, afirma Azevedo Neto no livro *Bumba meu boi no Maranhão* (AML – Coleção Documentos Maranhenses).

GRUPO AFRICANO

Guarnecer

Walmir

Boi de Guimarães - Sotaque de Zabumba

<i>Este ano, minha turma</i>
<i>Eu juro que eu me preparei</i>
<i>Pra fazer lindas toadas</i>
<i>Isso é coisa que eu sei</i>
<i>Pra me agradar "sistença"</i>
<i>Também agradecer vocês</i>

O mais antigo desses sotaques é o de zabumba, também conhecido como sotaque de Guimarães. Os instrumentos utilizados pelos brincantes são maracá, tamborinho, tambor-onça, zabumba e tambor de fogo. A zabumba é um grande tambor esticado por meio de sistema de cordas e tarrachas, e o tamborinho, com cerca de 20 cm de diâmetro, é feito de madeira coberta com couro de boi, cotia, cabra ou veado.

O ritmo dos bois desse grupo é vibrante, com traços de samba e de macumba. Na indumentária destacam-se os enormes chapéus, em forma de cogumelo, cobertos por longas fitas que vão até o tornozelo do brincante. O bailado é africano, com a característica da dança em roda, no sentido do centro. É a mesma postura das rodas de samba, de tambor de crioula, de capoeira e de outras expressões da cultura popular de origem negra.

Dentre os representantes do sotaque de zabumba estão o Boi da Liberdade (Leonardo), Fé em Deus (Laurentino) e Guimarães.

REUNIDA

Leonardo

Boi da Liberdade - Sotaque de Zabumba

<i>Quando eu estou na fogueira</i>
<i>O povo estão ouvindo</i>
<i>A vaidade me chama</i>
<i>E a idade me traindo</i>
<i>A murrada é forte</i>
<i>Como estou pedindo</i>
<i>A turma de choque já tá reunida</i>

Uma variante do boi de zabumba é o sotaque de costa de mão. Surgido no litoral norte do Maranhão, município de Cururupu, é caracterizado pelo uso de um pandeiro pendurado no pescoço e tocado com a costa da mão. Caixas, tambores-onça e maracás de metal completam o conjunto percussivo que anima vaqueiros e tapuiás. Os brincantes usam jaquetas bordadas em um corte diferente das vestimentas dos bois de zabumba e chapéus de fita com grinalda em forma de funil.

Toada do Boi de Rama Santa

Sotaque de Costa de Mão

<i>Olha a Rama Santa de novo</i>
<i>Fazendo festa pro povo que quiser se divertir</i>
<i>Em homenagem ao nosso padroeiro</i>
<i>Com a proteção divina nós já estamos aqui</i>
<i>Pra reunir, pra guarnicê</i>
<i>Porque Deus faz o impossível acontecer</i>

Os grupos mais conhecidos são Rama Santa, Brilho da Sociedade, Soledade e Brilho da Areia Branca. Em 2017, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional no Maranhão identificou 18 grupos de costa de mão no estado. Desses, somente seis ainda estavam em atividade na época e apenas um se apresentou publicamente nos festejos juninos daquele ano.

GRUPO INDÍGENA

Fazendo Tremor no Chão

Manoel Onça

Boi da Madre Deus - Sotaque de Matraca

.
Lá vai, meu batalhão, lá vai
Acompanhado de uma grande multidão
Vai tomar calmante
Prepara teu coração
Lá vai o Boi da Madre Deus
Fazendo tremor no chão

Matraca

Matracas são tacos de madeira semelhantes às antigas palmatórias utilizadas como elemento de tortura nas escolas. A batida de uma sobre a outra produz o som mais característico do bumba meu boi maranhense. Não há consenso, mas para a maioria dos pesquisadores o instrumento é de origem indígena e foi introduzido no boi em meados do século XIX.

O sotaque de matraca tem o ritmo baseado na marcação de matracas e pandeirões, embora utilize também o maracá e o tambor-onça. O pandeirão é um grande pandeiro de 80 cm a 1 metro de diâmetro, coberto de couro de cabra (ultimamente os batalhões têm usado plástico, que não precisa ser afinado a fogo).

O ritmo é mais dolente e menos guerreiro, enquanto o africano incita, o ritmo indígena comunica, solicita. Nos figurinos predominam as penas, tendo como destaque o caboclo real, com sua volumosa indumentária. A dança tem um gingado relaxado e o movimento dos brincantes em roda é cadenciado, ora para um lado, ora para outro.

O grupo indígena (matraca) divide-se em dois: um original de São Luís (sotaque da Ilha) e outro saído da Baixada Maranhense (sotaque da Baixada), principalmente dos municípios de Pindaré, Viana e São João Batista.

Nos batalhões de sotaque da Ilha os pandeirões são colocados sobre o ombro dos tocadores. Entre os brincantes destacam-se os caboclos de fita, índias e os caboclos de penas, esses últimos exclusivos desse sotaque. Os representantes mais conhecidos são os Bois de Maracanã, Maioba, Madre Deus, Ribamar, Pindoba e Sítio do Apicum.

Matraca

Careca

Boi de Pindaré - Sotaque da Baixada

.
Pindaré nasceu na Ponta D'Areia
Ô numa noite tão bonita,
Clarão de lua cheia.
As estrelas brilharam no céu
Juntaram suas belezas
E formaram esse imenso chapéu

Matraca

A maior diferença dos grupos da Baixada em relação aos bois da ilha é que as matracas e pandeirões são menores e os tocadores seguram o pandeirão na altura da perna. Uma outra característica desse sotaque são os chapéus dos caboclos de fita, com uma grande aba virada para cima.

O primeiro grupo em São Luís foi o de Viana, seguido pelo Boi de Pindaré. O amo mais famoso desse sotaque foi Bartolomeu dos Santos, o Coxinho.

GRUPO BRANCO

Presente da Natureza

Donato Alves

Boi de Axixá - Sotaque de Orquestra

.
O vento que açoita teus cabelos
Sopra em meu rosto
E traz perfume de flor
Eu sinto que a própria Natureza
Desenhou tua beleza
Veio e me presenteou

Matraca

.
Quando anoitece
eu vejo o brilho nas teus olhos
Brilhando mais que as estrelas no céu
E aí eu vejo que o sereno está caindo
Molhando e colorindo o brilho do meu chapéu

Matraca

ao ritmo e os figurinos têm espelhos, além dos elementos (fitas e penas) usados pelos demais grupos de outros sotaques.

Na dança, diferenciam-se dos outros grupos por não formar roda, mas duas filas frontais, o que dá ideia de pares, característica das danças ibéricas. Apesar das índias serem personagens importantes nos bois de matraca, é nos de orquestra que elas mais se destacam. Seus principais representantes são os Bois de Axixá, Morros, Rosário, Presidente Juscelino, Meu Tamarineiro e Nina Rodrigues.

Matraca

PASSADO, PRESENTE E FUTURO

Boi de Engenho do Pindaré
Cecilio
Sotaque da Baixada
.
<i>Sonhei com Coxinho</i>
<i>E João Câncio sentado ao lado dele</i>
<i>Procurou como vai a boiada no Pindaré</i>
<i>Se ainda tá como eu deixei</i>
<i>Eu vou mandar mensagem pra terra</i>
<i>Pra cantador</i>
<i>Por favor não deixe</i>
<i>Se acabar o nosso folclore brasileiro</i>

Os batalhões do bumba meu boi não limpam o pó da vida cotidiana, como dizia o baterista americano Art Blakey sobre o jazz, mas levantam a poeira dos terreiros, largos, praças e quintais por onde passam os seus brincantes, antes de pés descalços, hoje com suas sandálias simples ou tênis populares. Talvez as nuvens sejam feitas desse mesmo pó que sobe dos terreiros.

É preciso saber olhar, ouvir e sentir esses baques e batuques do bumba meu boi do Maranhão. Mas o que ainda resta de verdadeiro nos bois que se apresentam nos arraiais com seus minutos contados, índias e índios de corpos padronizados?

Dos terreiros e praças onde o público se misturava aos brincantes, os grupos passaram a se apresentar cada vez mais nos palcos das festas juninas oficiais, o que permite melhores ângulos para se fotografar do chão ou em imagens panorâmicas de drones. O verbo mudou: da experiência de brincar o boi em um mesmo nível de terreno, a plateia agora assiste a um espetáculo que acontece sobre um tablado armado acima de suas cabeças.

Diverso, dinâmico, mítico, pagão e cristão, o bumba meu boi é um espetáculo belo, intenso, porém complexo. Não se resume ao simples cantar das toadas que ouvimos no rádio ou às apresentações oficiais, cada vez mais simplificadas, ao ar livre no período junino. Para se ter contato com o ritual e a vivência religiosa do gênero é preciso buscar a alma do boi no ambiente rural onde resiste. Nos grandes centros urbanos é como se perdêssemos aos poucos a sua essência, algo que se esvai sob a benção do deus turismo. O que se quebrou? Onde? Quando?

Há quem seja saudosista e tradicionalista ao observar esse processo, rejeitando as mudanças. Mas há também quem defenda as transformações como fenômeno irreversível porque sustentado na dialética de que, se tudo muda, por que com o boi seria diferente? Um terceiro olhar se identifica com as formas tradicionais, mas aceita as transformações desde que se mantenha a essência da brincadeira.

DUPLA FIGURA

Jorge Lotton

Boi Mocidade de Rosário - Sotaque de Orquestra

.

Leva o canto do meu boi

Pra trovoar na fazenda

Depois leva o meu cordão

Todo enfeitado de renda

As principais alterações no bumba meu boi do Maranhão são observadas nos instrumentos, nas roupas e perfil dos brincantes, nas coreografias e no andamento das toadas. No caso dos instrumentos, a mudança mais criticada é a troca do couro dos pandeirões, confeccionado originalmente com peles de animais, por material plástico, o que para alguns especialistas altera a sonoridade tradicional.

Se olharmos para os brincantes também vamos notar diferenças. Os grupos eram formados em sua maioria por pessoas das comunidades e hoje há muitos bois, principalmente os de orquestra, que selecionam seus integrantes por padrões de beleza, em um processo parecido com o que ocorre nas escolas de samba do Rio de Janeiro.

A urgência do mundo contemporâneo também chegou aos arraiais juninos do Maranhão. A duração das apresentações sofreu um estrangulamento, o que

vai minando a tradição em nome da indústria do turismo. O auto do boi é o mais prejudicado com a redução de tempo. Como ele tem longa duração, quase nenhum grupo o encena atualmente.

Diferentemente da capital, a maioria das brincadeiras no interior do estado ainda conserva a forma tradicional de cantar e dançar no chão, sem a preocupação com o tempo ou a presença de turistas. Muitos bois se apresentam em frente às casas, pagando promessas e cumprindo todo um ritual, desde o começo da noite até o amanhecer.

O escritor e pesquisador Américo Azevedo Neto tem um olhar pessimista sobre tradição versus modernidade. Para ele, as duas coisas juntas são uma impossibilidade. “No começo era malacacheta e espelho. Hoje temos canutilho e miçanga. A tradição cede. Para ser coerente com o tempo, tem que rifar a tradição. Ela só voltará através de um processo lúcido, pela mão de estudiosos. Mas aí voltará como um museu vivo”.

Segundo o livro da pesquisadora de cultura popular Maria Michol de Carvalho, *Matracas que desafiam o tempo: é o bumba meu boi do Maranhão*, uma convivência entre passado e presente é possível. “Como um fenômeno vivo e dinâmico, o boi atual sofre maiores pressões do mercado capitalista e vê-se na contingência de refazer e criar seus componentes. (...) É a necessária e inevitável convivência entre tradição e modernidade”.

De acordo com o pensamento da autora, o bumba meu boi vive hoje os últimos momentos de uma transição, entre a festa doméstica, realizada nas comunidades, e a realização de um São João mais amplo. “O que vai segurar o bumba meu boi é o que ele tem de típico, de peculiar. Se ele se massificar, vai estar se perdendo. Vai tirar de si mesmo os principais motivos de atração”, afirma Michol de Carvalho no livro.

Essa discussão sobre transformações indevidas não é recente. O poeta José Chagas já anunciava os perigos da modernidade no boi há quase 50 anos, em belo poema do livro *Maré Memória*, de 1973:

José Chagas

*Um turismo de poeira,
de cinzas do que se foi
sobre a amostra derradeira
de uma caveira de boi,*

*De um boi que morreu de tanto
ser forçado a carnavais
que são aqui o encanto
das áreas oficiais*

*E assim a cidade é vista
pelos que chegando vão.
Pela cara do turista
improvisa-se a atração*

*Turismo feito à minuta
como prato em restaurante
cuxá de cozinha bruta
para um tempo ruminante*

MAGIA QUE SE ESPALHOU

O bumba meu boi ultrapassou os terreiros e mostrou sua força na canção popular, no teatro e na dança, com a criação de companhias inspiradas em seus sotaques e narrativa. Na década de 1970, Américo Azevedo Neto fundou e dirigiu o grupo de teatro e dança Cazumbá, que utilizava o folclore como matéria-prima. Na década seguinte surgia a Companhia Barrica Teatro de Rua, idealizada pelos compositores José Pereira Godão e Luís Bulcão, para homenagear a cultura popular maranhense por meio de uma estilização dos vários sotaques do bumba meu boi, danças populares e a festa do Divino Espírito Santo.

“O Boi de Pindaré se dava ao luxo de ter 26, 28, 30 homens cantando na roda. Quando a toada encaixava, Virgem Maria!. Nessas horas eu lembrava do boi de papai, no interior. Chegava em casa e aquilo tava no juízo, aquela junção de vozes cantando. Hoje as coisas não acontecem como tem que ser. O futuro do boi não vai dar em nada. Daqui a 50 anos não tem mais boi e se tiver, vai ser muito ralado”

Zé Olhinho

Boi de Santa Fé

O grupo Cazumbá manteve-se por quase 30 anos como um dos mais importantes do estado, encenando no palco a cultura popular maranhense em mostras Brasil afora e pelo mundo. Já a Cia. Barrica foi mais longe. Além de se transformar em embaixadora oficial do bumba meu boi do Maranhão em campanhas de turismo de governo, passou a figurar com destaque entre os grupos do bumba meu boi e a disputar com vantagem espaço nos arraiais.

O modelo bem sucedido da Cia Barrica foi motivo, nos anos seguintes, para a proliferação de vários grupos parafolclóricos na capital, diluindo e



descaracterizando cada vez mais esse modelo de sucesso. O assunto foi pauta de debates na imprensa e no fim das contas, entre ser ou não ser boi o que vence é o mercado.

A velocidade com que surgiram e ainda surgem novos subgrupos tem sido inversamente proporcional ao desaparecimento dos grupos menores, com menos atrativos, que precisaram 'botar o boi no jirau', expressão que significa tirar o boi do terreiro por falta de condições de brincar no São João.

A Companhia Barrica Teatro de Rua surgiu no bairro da Madre Deus, zona boêmia da capital maranhense, e logo ficou conhecida como Bozinho Barrica. Mesmo não sendo um grupo de bumba meu boi, contribuiu para popularizar as festas juninas. Em vez da mulher grávida que quer comer a língua do boi, morto por seu marido Chico – trama que conduz o auto do bumba meu boi maranhense – o Barrica apresenta a história de uma estrela bailarina que se apaixona por um bozinho de barrica. Enquanto os bois tradicionais fazem uma representação do real o grupo Barrica oferece a fantasia do sonho.

AMANHECEU E CHEGANÇA

Zé Pereira Godão

*Amanheceu, já se apagou
Não chora amor, não chora
A Madre Deus já confirmou
Que o meu bozinho
Se perdeu na luz do sol*

TIÃO E TEODORO

A riqueza de linguagens cênicas representativas da reunião das três etnias formadoras do povo brasileiro e a força ancestral de uma tradição nascida no meio rural também geraram frutos fora de seu terreiro original. Dois maranhenses nascidos dentro de batalhões tradicionais levaram para longe a promessa de fazer o ciclo do boi todos os anos. Tião Carvalho, em São Paulo, e seu Teodoro, no Distrito Federal.

O compositor, cantador e dançarino Tião Carvalho, natural de Cururupu (MA), criou o grupo Cupuaçu para manter viva a semente do boi tradicional, embora incorpore as mudanças inevitáveis. A dança, os instrumentos, os figurinos, recebem novos elementos que vão sendo somados aos originais. Há quem diga que o Cupuaçu é o sotaque paulistano do boi maranhense.

Tião é o principal criador das toadas do grupo, formado por maranhenses e paulistanos, e o repertório conta ainda com toadas de antigos mestres. O Cupuaçu



TURMA DO MORRO

Tião Carvalho

*Lá vai, lá vai
A turma do Morro
Quando desce é uma
beleza
Corre, morena, vem ver
Boi chegou bonito
Colorindo a natureza*

O BOI DO SEU TEODORO

Toada de Zé Diniz

*Ô lá vai meu boi
corre morena e vem ver
Ele tem uma estrela na testa
que só falta acender*

*A moça se admirou
Ô lá vai meu galheiro
ô meu reprodutor
é o Mimo de Brasília
que Teodoro criou*

BOI DE SAUDADE



©Orlando Silva

BRILHO DE LUCAS

José Raimundo

*Olha o Boi Brilho de Lucas
Ficando famoso
É só o que ouço o povo dizer*

*Veio lá do Maranhão
Cá pro Rio de Janeiro
Hoje em dia ficou conhecido
No mundo inteiro*

reproduz o ciclo do bumba meu boi de acordo com o calendário maranhense e as apresentações são realizadas no Morro do Querosene (zona oeste de São Paulo), em espaços culturais da cidade, integrando projetos do governo e da prefeitura, além de escolas, universidades etc.

É em pleno Planalto Central que resiste o Boi de Seu Teodoro, na cidade-satélite de Sobradinho, mesmo após sua morte, em 2012. Teodoro Freire, nascido em São Vicente Férrer, Baixada Maranhense, vivia no Rio de Janeiro em 1961 quando foi convidado pelo poeta Ferreira Gullar para apresentar seu grupo de bumba meu boi na festa do primeiro aniversário da capital federal. Gullar acabara de assumir o comando da Fundação Cultural de Brasília.

O mestre gostou tanto da cidade que resolveu voltar e ficar. Dois anos depois fundou a Sociedade Brasiliense de Folclore, depois transformada no Centro de Tradições Populares, que recebe diferentes expressões da cultura popular de todo o país. O Boi de Seu Teodoro tem raízes no sotaque da Baixada, com sua cadência diferenciada. Formado por brincantes de vários estados nordestinos, hoje é comandado por um de seus filhos, Guarapiranga Freire.

A força ancestral plantada na alma maranhense pode gerar frutos também em quem não traz a vivência do bumba-meu-boi. É o caso das famílias Silva Costa e Rosa Castro, de Viana (MA), que se mudaram para o Rio de Janeiro nos anos 1960 e tempos depois formaram o Boi Brilho de Lucas, criado para compensar a saudade da cidade natal, de onde guardavam lembranças das festas embaladas por matracas e pandeirões.

De uma simples brincadeira de fundo de quintal o grupo ganhou força e desde 2012 integra o calendário oficial de festas juninas da capital fluminense, com apresentações no bairro Parada de Lucas. Atualmente são cerca de 60 brincantes, quase todos parte dessas duas famílias.

O Boi Brilho de Lucas se mantém fiel ao sotaque da Baixada Maranhense, região de origem de seus criadores. A maioria das toadas é composta por José Raimundo (cantador), José Antônio Castro (diretor cultural) e Orlando Silva (presidente da Associação Folclórica Bumba Meu Boi Brilho de Lucas).





Graciliano, artesão de chapéu de penas do boi de Maracanã, sotaque de matraca

O BOI QUE DÁ DE COMER

O bumba meu boi do Maranhão é maior que a festa, as danças, o bicho, os brincantes e as pessoas atraídas por sua beleza e magia. Esse patrimônio vivo também mobiliza a roda da economia por meio de diversas conexões nas comunidades, nos setores público, privado e na sociedade.

Do delicado bordado do couro do boi ao churrasquinho do arraial; das penas e fitas dos brincantes à estrutura do espetáculo; das bandeirinhas que cobrem as cidades às campanhas publicitárias, o bumba meu boi movimenta diversas cadeias de negócios no estado do Maranhão, ao lado das outras manifestações da cultura popular que integram o período junino. São centenas de atividades que geram emprego e renda no comércio de bebida e comida, artesanato, música, turismo, mercado criativo, comunicação e política cultural, dentre outras.

Para não correr o risco de desaparecer, muitos grupos vêm se organizando em associações, buscando uma forma de profissionalizar suas atividades para que possam ter acesso à riqueza que esse patrimônio promove. Trata-se de uma exigência de mercado e também um novo patamar de relacionamento com o poder público, em lugar do assistencialismo que vigorou durante décadas, marcado pela ausência de ações efetivas voltadas para o setor cultural.

O grande desafio está justamente em fortalecer essas cadeias da economia criativa sem perder a essência do que a movimenta: o sagrado compromisso de homens e mulheres que fazem do bumba meu boi, exemplo da arte e da fé do povo do Maranhão, um patrimônio imaterial da humanidade.

Toada do Boi da Maioba

Década de 40

*Pai Francisco escreveu na lousa
Quatro letras difícil de compreender
Fez um V e fez um D
Fez um T e fez um N
O V quer dizer Vem cá
O D quer dizer Doutor
O T quer dizer que Tem dinheiro
O N quer dizer que Não pede favor*



Bois enfileirados para o batismo na sede do Boi da Fé em Deus

LÁ VEM

*O céu azul, o vento cheio de curvas vindo do mar e aquela claridade linda que começa a mudar a cara do tempo depois que os torós do inverno se vão
Demorei a perceber isso no corpo e nos olhos
Por isso agora o prazer que se espalha no peito e no coração da pele quando tudo isso começa
E aí, São João de braços dados com São Pedro e São Marçal
saem às ruas pra receber matracas, tambores, pandeiros, banjos e zabumbas tocadas e socadas por uma família preta, mulata e colorida que faz a festa em terreiros, praças, largos e arraiais*

*João Cância, Humberto, Mané Onça, Zé Apolônio
Leonardo, Lauro, Louro, Laurentino, Medônio
Chagas, Sabiã, Chiador, Apolônio Melônio
Tabaco, Tinoco, Canuto, Mundoca, Caruré
Cobrinha, Sabino, Ciriaco, Chico Canguçu
Antero, Antilho, Naiva, Newton Martins, Marciano
Urbano, Duca, Donato, Teotônio
Zé Alberto, Zé Olhinho, Mizico, Zió, Feliciano*

Os guerreiros continuam vivos

*Estalam as estrelas no céu da Estiva
O vento sopra pelas quatro esquinas da ilha. Viração!
Chão vai tremer antes que raie o dia na terra iluminada
As brenhas brilham
E a notícia já correu por dentro das matas longe da cidade*

Língua de boi regando flores e verdes verticais como se fosse possível verouvir crescer essa zoada como palmeira do fundo da terra até o céu, subindo pelo arrastar dos pés, pelas canelas, dentro delas, osso e tutano e carne o som sangue subindo até chegar nesse canto rouco barulho bem-vindo e eterno produzido pelos homens pretos pobres, sem poder. Homens de pena e tinta que pintam nossa alma até o fim do mundo

*Versos no vento voando nas varandas
Vento vestindo as varandas dos versos
além das varandas zoadas de zabumba
velando bois, batuques, toadas risadas de cazumbas
no perfume da memória*

*Cansado de queimar
o sol acena pra lua
que acende a noite de pandeirões e vaga-lumes*

*Nem só de água salgada é benzida a ilha
Por suas veias, braços de rios doces banham as margens
tantas, que escorrem em meio a essa água santa da natureza
do chão e do céu, torós de noite inteira*

*Quantas arcas de Noé sob dilúvios internos
só interrompidos pelas luas clarascheias de julho a dezembro!
Esse mato, esses passarinhos intensos, árvores e madeiras
que nos deram matracas e indisciplina*

*É ali que surge o reino do boi e suas estrelas na testa
seus estalos, couros, cravilhas, chifres, cabeceiras e cordões
Reino de mutucas, refrões, tíquiras e ariris*

*O boi e seu zozno, sua gíngã, sua zoada
apitos, zangas, zabumbas e toadas
Lá vem ele ardendo fogueiras
cuspidando centelhas de luz na noite escura*

*Olhalá, o miolo bailando no cavername
Pai Francisco vestindo seu terno remendado
carregando um cofo e uma espingarda de pau*

*Olhalí do lado dele, Mãe Catirina
Com seu vestido largo de chita, meias altas e cabeleiras de fio
Bocas, narizes e orelhas de palha*

*Lá vêm as índias puxando o cortejo
com suas lanças e passos ensaiados
com suas blusas sem mangas
de golãs e saíotes decorados de malacacheta
e cocares feitos de talos de burítis
sobre longas cabeleiras de embira
balançando braçadeiras e tornozeleiras de penas de ema*

*Salve as cazumbas de Jorge do Cacimbeiro
com suas bundas quadradas e seus chambres coloridos
Salve as caretas de seu Abel
zombando nas noites das zoadas do céu*

Salve os espiritos da floresta!

*O som dos maracás sacodem o tempo em círculo
As matracas sagradas se batem
O corpo do batalhão se acende
É o terreiro em transe
levantando a alma de mil negros mortos*

*Ê, boi, te batizo jóia do povo
Te corôo rei do terreiro*

*Tu e teus pretos vindos de longe
Canarana, Pindaré
Guimarães, Cururupu
São João Batista, Alcântara, Cajapió
São Vicente Férrer
De mãos dadas com as memórias
e rios de Rosário, Morros, Nina Rodrigues, Axixá*

*Êta boi danado!
Socando o chão do Maracanã, Ribamar, Forquilha, Madre Deus
Mirítuia, Floresta, Ivar Saldanha, Paço do Lumiar
Fé em Deus, Coroadinho, Anjo da Guarda, Vila Embratel*

*Êta boi bailando
no Caúra, Estrada da Vitória, Panaquatira
João Paulo, Bairro de Fátima, Caratatiua
Vila Passos, Praia da Guia, Liberdade*

*Êta Boi da Maioba
que vagueia à beira do Rio São João
há mais de 100 anos,
além do Pimenta, Vinhais, Jaguarema...*

*Boi marrento de Inhaúma, Taim, Tenda, Mojó
Cumbique, Uarapirã, Juçatuba, Iguai, Tajipurú
Turu, Araçagy, Arapapa e Mapaúra
Itapicuraiiba, Tibiri, Iguaiiba, Mocajituba
Itapera, Igarau, Pirandiba
Parnauaçu, Pindaí, Pindoba e Ubatuba*

*Esses bois e seus cazumbás, caboclos reais, caboclos de pena
seus brincantes, mateiros e burrinhas feitas de cofo
suas penas, panos lindos, enfeites, entornos, penachos
rastros de fita, chocalhos, cachaças
tambores-onça, pandeirões, sotaques, gargantas e guarnicês*

*Esses bois e seus chamatós roubados das madames brancas
seus urros madrugados, destilados
pegadas de fumaça, suas diambas
tantos bois assim de noites compridas
minando as madrugadas da ilha grande
com suas varas de ferrão feitas de maçaranduba
carregando cofos, segurando lampiões e lamparinas
queimando o fogo das estrelinhas
com seus batalhões de liberdade
sonhos de babaçu, juçaras, sapatís e nãilons desfiados*

*Esses bois ninados no colo de Therezinha Jansen
Maria Firmina e Mãe Zelinda*

*Bois guerreiros e suas cantigas de pique
enfrentando contrário nas esquinas de São Marçal
com seus amos de chapéus de palha recobertos de cetim
e um manto de nobreza bordado com guirlandas e flores*

*Bois de brincadas longas
entre mangueiras frondosas e terra batida
com seus lenços brancos amarrados à cintura dos brincantes
de pés descalços e camisas de chitão*

Bois atravessando o coração da cidade

Lá vêm os batalhões andando no Caminho da Boiada

*Ê São João dos bois eternos, rogai por nós
Ô São Pedro, abre a porta do céu para a nossa alegria
Sopra, sopra, vento de delírios!
Embala a manhã de teus molhados
Sopra a barra do boi que se arrasta pelo chão do barro pisado
e ouve o som de pés e mãos
que lentamente faz a cidade tremer para sempre*

MESTRES E CANTADORES

Coxinho

Boi do Pindaré - Sotaque da Baixada

Centenas de vozes, bocas e corações no peito e o bumbá do boi no ritmo de mãos, peles, carnes, cordas e couros. O corpo inteiro de cada um, de cada uma, como um templo sagrado que se levanta e faz levantar outras tantas almas e pessoas no coro de tantos, ouvindo, cantando, dançando e respirando toadas, repiques e batuques únicos no mundo. A gente tem de saber quem são os verdadeiros donos e donas desse reino nos terreiros e barracões de madeira e cipó, nas portas de casas, nos palcos e arraiais e estradas de terra, asfalto e cimento. Reis e rainhas, cujos súditos se dobram em reverências que ecoam nos encontros de matracas, zabumbas, pandeiros, orquestras e costas de mão, como se ouvíssemos um só coração: tum tum tum tum tum tum tum tum tum tum.

Se tivéssemos que eleger um único nome que simbolizasse a força e a popularidade do bumba meu boi maranhense, com certeza o de Coxinho seria o primeiro. A história do boi pode ser dividida em antes e depois dele. Sua toada *Urrou*, gravada no primeiro disco do Batalhão do Pindaré, em 1972, virou hino do folclore maranhense em 1990. O escritor Américo Azevedo Neto, que acompanhou a gravação, registrou na memória aquele momento:

"Ele olhou antes pra mim, sorriu ligeiramente quase pedindo desculpas, pigarreou de leve e cantou. No estúdio, os versos encheram a sala, ouvidos e futuro: *urrou, urrou, meu novilho brasileiro que a natureza criou*. O boi a partir dali nunca mais foi o mesmo".

Coxinho tinha um defeito na perna, daí o apelido. Seu nome de batismo era Bartolomeu dos Santos, nascido em 24 de agosto de 1910, em Lapela, povoado de Vitória do Mearim, Baixada Maranhense. Sua relação com o bumba meu boi começou aos 14 anos, como vaqueiro no Boi Reis do Ano. Mudou-se para São Luís nos anos 1930, na década seguinte integrou o Bumba-Boi de Viana e mais tarde, o do Pindaré, passando a comandar este último em 1977. Coxinho morreu aos 81 anos, em abril de 1991.



Autor não identificado

URROU DO BOI

*Lá vem meu boi urrando,
subindo o vaquejador,
deu um urro na parteira,
meu vaqueiro se espantou,
e o gado da fazenda
com isto se levantou.*

*Urrou, urrou, urrou, urrou
meu novilho brasileiro
que a natureza criou*

Apolônio Melônio

Boi da Floresta - Sotaque da Baixada

Todos os grandes cantadores têm um compromisso com o sagrado, com a promessa que fazem para o santo devoto, e o milagre se realiza no guarnicê de seus batalhões, a cada 'lá vai' do boi que bumba nos terreiros. Talvez por isso sejam conhecidos como mestres. Apolônio Melônio é um deles. Nasceu no povoado de Canarana, município de São João Batista, em julho de 1918, e se mudou para São Luís em 1939. Quando desceu do barco, na Praia Grande, com a sacola de roupa na mão, a primeira coisa que lembra ter visto foi a imagem de São João. Aí se deu conta de que somente o santo poderia fazê-lo cantar em terra alheia. A lembrança virou toada que até hoje é lembrada por muitos brincantes do Boi da Floresta:

*São João, vós é quem faz
Eu brincar em terra alheia
Sombradouro, balanceia
Ô sombradouro, balanceia*

Convidado por Chico Canguçu, do Boi de Viana, o primeiro da Baixada a se reunir na capital, brincou no grupo até 1959 e logo depois se juntou a João Cânciao e Sabino, no lendário Boi de Pindaré. Era uma turma de grandes boieiros, formada por homens que trabalhavam na roça, no interior, e depois como estivadores, quando chegaram a São Luís.

Apolônio deixou o Boi de Pindaré em 1967, brincou no Boi de São Francisco por um ou dois anos e em 1972 formou o seu próprio Batalhão, o Boi de Apolônio, também conhecido como Boi da Floresta. Na linha de frente, além dele, estavam Louro (Waldinar Viana), Mundoca Pinheiro, Elesbão Santos, Felipe 27 e os irmãos Lucílio e Antonio Melônio. Comandou o grupo até 2015, quando morreu, um mês antes de completar 97 anos.

ESTRELINHA MIÚDA

*Oh, muito obrigado, meu Deus
Por tudo que o senhor tem me feito
Quando eu morrer
Eu não deixo saudade
Nem pra branco nem pra preto
Só deixo uma boiada brincando
Do meu modo e do meu jeito*



Leonardo

Boi da Liberdade - Sotaque de Zabumba

Leonardo Martins dos Santos, Mestre Leonardo, que comandou o Boi e o Tambor da Liberdade por mais de 40 anos, nasceu em Guimarães (6 de novembro de 1921) e morreu em São Luís (24 de julho de 2004), aos 82 anos. Começou a dançar o boi e o tambor de crioula aos oito anos de idade. Aos 19, mudou-se para São Luís, indo morar na Liberdade quando o bairro ainda era chamado de Matadouro. Como a maioria dos homens que brincavam o boi, Leonardo trabalhava na estiva, descarregando produtos vindos por barco do interior do estado.

Em São Luís, antes de criar seu próprio grupo, brincou no Boi de Mízico (Hemetério Raimundo Cardoso), na Vila Passos, sotaque de zabumba e um dos mais antigos da cidade. Em 1956 fundou o Boi da Liberdade ao lado de João Abreu, Popó, Romário, Virício e Sebastião Barbeiro, em cumprimento a uma promessa que fez a São João.

Leonardo tinha responsabilidade, o que garantia valor e significado à oferenda: o boi. Seu nome virou símbolo da tradição e deu grande prestígio ao sotaque de zabumba. Tanto que os grupos ficaram conhecidos como Boi de Leonardo e Tambor de Crioula de Leonardo, embora registrados como Bumba Meu Boi da Liberdade e Tambor de Crioula Padroeiro Poderoso.

Era um brincante completo. Fazia os próprios instrumentos, as indumentárias, compunha e cantava. Um verdadeiro mestre.



*A quem Deus promete, não falta
Para ser feliz não precisa carreira
Assistência vem chegando
Pra ver nossa brincadeira
De Leonardo Martins
De Santa Maria dos Vieira*

Francisco Naiva

Boi de Axixá - Sotaque de Orquestra

Embora o primeiro registro da existência de um boi de orquestra seja dos anos 1940, o amo e líder do Boi de Axixá, Francisco Naiva, afirma que os grupos desse sotaque surgiram há mais de 100 anos. Naiva criou o Boi de Axixá em 1959 e depois disso a popularidade dos bois de orquestra só cresceu.

Filho de lavradores, nascido no povoado de Santa Maria, na região do Munim, em 1932, o amo ficou encantado quando viu pela primeira vez, com pouco mais de 20 anos de idade, um grupo de bumba meu boi acompanhado por instrumentos de sopro. À frente da turma estava o mestre José Linhares, que o ensinou a tocar pistom e trompete. Durante o dia, Naiva trabalhava na pedreira com o pai e à noite estudava música.

Sua história se confunde com a trajetória do sotaque de orquestra, o mais popular do bumba meu boi maranhense. Começou no Boi de Genésio, aos 23 anos, depois tocou no Boi de Bernardino e no de Camilo, antes de criar o Boi de Axixá. Morreu em 2013, aos 81 anos.

O cantador e poeta Donato Alves sempre esteve ao seu lado no Boi de Axixá, escrevendo toadas que se tornaram verdadeiros hinos do boi maranhense, como Bela Mocidade, gravada no primeiro disco do grupo, em 1981.



Donato Alves

*Quando eu me lembro,
Da minha bela mocidade,
Eu tinha tudo à vontade,
Brincando no boi de Axixá*

*Mas é que o vento buliçoso
Balançava teus cabelos
E eu ficava com ciúme
Do perfume ele roubar*



“Um cantador igual ao Donato Alves não vai mais existir. Ele é único, ninguém compõe daquela forma”

Afirma a sobrinha Leila Naiva, hoje à frente do Boi de Axixá.

Humberto

Boi de Maracanã - Sotaque de Matraca

PALMEIRA DO MARACANÃ

Zé Alberto - Boi de Iguaiá

*Garota, não chore eu já cheguei
Eu demorei porque eu vim do Maracanã
Fui conhecer a palmeira, que cantou Guriatã*

*Esta palmeira não é nova, ela é antiga
Mas tem quem diga que ajudou ela plantar
Na folha dessa palmeira
é que o Guriatã se inspira pra cantar*

Quando o amo do Boi do Maracanã, Humberto, empunhava seu maracá, o chão tremia. Um dos maiores cantadores de bumba meu boi do Maranhão, o Guriatã* reinou durante mais de 40 anos à frente do batalhão de um dos principais bois de sotaque de matraca da Ilha. Humberto Barbosa Mendes nasceu em 1939, descendente de uma das famílias camponesas que povoaram aquela localidade na zona rural da ilha de São Luís, no final do século XIX.

Suas toadas foram tocadas nas ondas do rádio e em terreiros e arraiais dos lugares por onde passou. Alguns artistas locais e nacionais gravaram suas músicas, entre eles as cantoras Maria Bethânia e Alcione e o percussionista Papete. Humberto é autor de um dos hinos do boi maranhense: *Maranhão, meu tesouro, meu torrão*. A voz do Guriatã silenciou em 2015, quando o cantador tinha 75 anos.

MARANHÃO, MEU TESOURO, MEU TORRÃO

*Maranhão, meu tesouro, meu torrão
Fiz essa toada pra ti, Maranhão
Terra do babaçu, que a natureza cultiva
Essa palmeira nativa, que me dá inspiração*

*.....
No mês de junho tem o bumba meu boi
Que é festejado em louvor a São João
O amo canta e balança o maracá
A matraca e o pandeiro é quem faz tremer o chão
Essa herança foi deixada por nossos avós
E hoje cultivada por nós
Pra compor tua história, Maranhão*

* Dentro da simbologia do bumba meu boi, os cantadores geralmente escolhem como símbolo um pássaro. O guriatã, além de ser uma ave de rara beleza, com as cores amarela e azul marinho, tem um canto muito bonito.





Zé Olhinho

Boi de Santa Fé - Sotaque da Baixada

Quando era adolescente, Zé Olhinho gostava de ouvir os cantadores e de cantar as toadas da Baixada. Lembra que na porta da casa de sua bisavó tinha uma mangueira grande, em que costumava subir. "Eu cantava, cantava, nego me ouvia longe". Um dia, Zacarias, um conhecido da família, chamou sua mãe e falou: "Dona Joana, esse rapaz que tá cantando é seu filho? Chama ele aqui". Quando Zé Olhinho desceu, Zacarias disse. "Siô, você continue cantando porque sua voz é boa e você pode virar um cantador".

Nos anos seguintes aquele jovem, nascido José de Jesus Figueiredo, em São Vicente Férrer (MA), se tornaria um dos principais nomes do Boi de Pindaré e depois o amo do Boi de Santa Fé, um dos mais populares grupos do Maranhão.

Em São Luís, essa história começa em meados dos anos 1960, quando Zé Olhinho, aos 20 anos, trabalhava como garçom em bares da zona boêmia, centro histórico da capital maranhense. Um dia, Valdemar Viana, o Louro, o ouviu cantando umas toadas e perguntou se ele não queria fazer parte da turma do Boi de Pindaré. Zé Olhinho não pensou duas vezes e poucos dias depois passou no teste diante dos mestres Coxinho e João Cânciao.

O casamento com o Boi de Pindaré durou até o final dos anos 1980. Ele deixou o grupo em 1987, brincou no Boi de São Vicente por um ano e em 1989 criou o Boi de Santa Fé.

Zé Olhinho é autor de uma das toadas de maior sucesso dos últimos anos. *Guerreiro Valente*, composta em 2014. "Eu tava assistindo um jogo do Santos pela TV e vi Neymar dançando depois de fazer um gol, se requebrando e cantando esse tal de Tchun, mas com uma outra melodia. Aí lembrei de uma coreografia que a tribo do boi tem... e achei que eles poderiam fazer aquilo de forma cadenciada. Fiquei pensando, pensando e escrevi rapidinho a letra da toada. Aí a coisa pegou.

*Eu sou guerreiro
eu sou valente
eu venho de São Vicente
minha aldeia é no Tabocá,*

*Não adianta querer
Nem discutir nem brigar
Não adianta querer*

*Não vai aprender copiar
É tchun, é tchan
É tchun, é tchun, é tchan
Eu vou até de manhã*

Mundoca

Boi da Floresta - Sotaque da Baixada

Último remanescente da turma que fundou o Boi de Apolônio, no bairro da Floresta, em São Luís, em 1972, Mundoca começou sua história nos terreiros lá pelos 14 anos, brincando de pastorinha em Santa Eulália do Padeiro. O povoado era parte do município de São Bento Novo, Baixada Maranhense, onde nasceu em novembro de 1939. Seu nome de batismo é Clemente Domingos Pinheiro, mas desde que se lembra era chamado de Mundoca, por causa do avô, conhecido como Doca da Pedra.

Aos 20 anos foi tentar a vida na capital, indo trabalhar na estiva, ao lado de outros companheiros vindos do interior, e depois no Inamps, de onde saiu aposentado. No final da década de 1960 conhece Apolônio Melônio, que o convida para participar da fundação do Boi na Floresta, em março de 1972.

São quase 50 anos de brincadeira, sempre como cabeceira do grupo e cercado por grandes companheiros: os irmãos Melônio, Apolônio, Antônio, Lucídio e Domingos, além de Zé Preto, Antonio Costa, Seu Dedé, Raimundo de Eulália, Raimundo Cabeçudo, Gogó, Julião e João Ligeiro, entre outros. A sonoridade dos nomes lembra uma escalação de time de futebol, mas para Mundoca é só saudade transformada em toada:

*Boa noite meu povo da Floresta
Eu vim saudar Apolônio e Suzana
e depois vou saudar meus conterrâneos
Vou saudar Leonardo, Canuto e Antero Viana,
Mandar um abraço apertado
é pra Coxinho, Zé Olhinho e Herminio.
Diz pra eles que Mundoca é quem tá mandando.*

Sua vivência no boi é a expressão de sua cultura, sua fé e ao mesmo tempo oportunidade para encontrar os amigos. Antigamente era muito melhor, garante. "Daqui a alguns anos vai ter é só boi light, pelo menos aqui em São Luís. Igual ao da Floresta, nunca mais".

*O Boi da Floresta é uma beleza
Eu digo e tenho certeza
Igual a esse na Baixada não tem não
A frente de índio é linda
E tem um batuque
Que faz tremer o chão
Aonde chega pra brincar
O povo levanta e bate a mão*



Abel Teixeira

O Artesão dos Cazumbas

Os cazumbas ou cazumbás são personagens mágicos e misteriosos dos bois da Baixada Maranhense. Eles formam um cordão que dança e abre alas para o boi entrar em cena. Caracterizados pelas grandes máscaras e imensos quadris, têm um jeito de dançar com passos rápidos e miudinhos, rebolando e olhando sempre para os lados. Com uma das mãos balançam um chocalho pendurado no pescoço e com a outra seguram a máscara.

Estudiosos e pesquisadores dão diferentes interpretações para esse personagem e sua indumentária, mas fora dos terreiros quem dá vida aos cazumbas é o mestre Abel Teixeira, velho brincante da cultura popular e artesão. Ele nasceu em Santo Inácio, município de Viana, Baixada Maranhense, em novembro de 1939. "Cazumba é um personagem livre, seu compromisso é a brincadeira, é fazer rir e ponto final", afirma.

Seu Abel se especializou na confecção das máscaras, que chama de "caretas de cazumba". "Máscara é coisa de fofão [personagem cômico do carnaval maranhense]", diz. Cresceu junto à terra e na adolescência, quando não estava plantando arroz, milho ou mandioca, brincava de pião de coco, zoadeira, carrapeta e cabaça voadeira, além de fazer brinquedos de pindoba, cata-ventos e desenhos no chão.

Na roça, além do trabalho havia as festas do Divino, de São João, com bumba meu boi e tambor de crioula. Toda época junina, ele e seus companheiros compravam um pano barato para confeccionar a careta e faziam a vestimenta com os sacos de estopa utilizados para armazenar arroz. Com o tempo, passou a usar brim ou gabardine para fazer a roupa, que pintava com tinta a óleo ou com a casca de pau de trímico.

Quando se mudou para a capital, passou a fazer também cazumbas de madeira. Derrubava a árvore, cortava a madeira, acertava os detalhes dos olhos, nariz e focinho, marcava com lápis e finalmente pintava. Sem pressa e com precisão. Chegou a São Luís em 1978, véspera do dia de São Pedro e, mal

desembarcou, foi direto para a brincadeira. No dia seguinte conheceu mestre Apolônio e passou a integrar o Boi da Floresta. Mestre Abel brincou no boi por mais de 30 anos.

Foi ajudante de pedreiro e em 1980 virou funcionário público, atuando em vários órgãos da cidade até se estabelecer no Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho, na década de 1990, onde ganhou um espaço para restaurar e fabricar caretas de cazumba. Aposentado desde 2004, seguiu fazendo caretas e realizando oficinas até 2012, quando confiou a tarefa para sua companheira, Meire.

Hoje, passa o tempo ouvindo rádio e observando as tardes pela porta da casa enquanto Meire confecciona caretas. Cada vez que nasce um novo cazumba ele ri como quem de novo brinca no terreiro, o velho menino sempre vivo no entusiasmo renovado de quem veio ao mundo com a mesma missão do personagem que eternizou: para espalhar alegria.





1. Tonico 2. Antero Viana 3. Joelson 4. Marcelino Azevedo 5. Valmir Goulart 6. Zequinha e Careca 7. Sabiá 8. Zió 9. Ribinha 10. Mano 11. Zé Alberto 12. Dona Zeca 13. Canuto 14. Mané Onça 15-16. Brincantes Boi de Pindaré 17. Justino e Tonico 18. Basílio e Zezinho 19. Manequinho 20. Osvaldo Preto 21. Maria da Paz 22. Lele 23. Bertoldo 24. Humberto Filho 25. Paeco 26. Lobato 27. Raimundinho 28. Cláudio Sampaio 29. Zequinha 30. Luís Moraes 31. Inaldo Bartolomeu 32. Manoel Tetêu



Índia do Boi de Apolônio, ou da Floresta, no ritual de batismo



Índia do Boi de Maracanã no ritual de batismo

AS DONAS DA FESTA

Os grupos do bumba meu boi sempre foram território masculino. Historicamente, os homens lideravam a brincadeira. A ancestralidade patriarcal deu a eles a autoridade de criadores e brincantes. Mesmo atividades fora do terreiro, como a costura e o bordado, tradicionalmente feitas pelas mulheres, também foram requisitadas por algumas mãos masculinas.

Durante muito tempo, não havia mulheres nas apresentações e quando tinha uma ou outra, representavam personagens masculinos. “Mesmo quando era mulher, era tudo homem”, resume Nadir Cruz, do Boi da Floresta.

Muitas sempre trabalharam, mas ficavam nos bastidores. Aos poucos isso foi mudando. Primeiro as mulheres ocuparam funções secundárias, como mutucas (que acompanhavam o boi carregando o material), e depois como rezadeiras, bordadeiras, madrinhas e índias, estas, as primeiras mulheres a brincar dentro do batalhão. A presença da mulher de forma mais representativa começa a ocorrer aproximadamente a partir dos anos 1980.

No caso específico dos bois de orquestra é um pouco diferente, já que nesses grupos a valorização das índias deu-se também como atrativo físico. Nos papéis de liderança a ocupação das mulheres foi mais lenta. Em todos os sotaques, até

hoje, é muito raro termos uma “ama”, por exemplo, a número um, que compõe, canta e lidera o grupo, como é a figura masculina do mestre.

Existem vaqueiras, caboclas de penas e de fitas e até alguns grupos com cantadoras, mas as mestras da atualidade exercem mais a função de administradoras.

As mulheres começaram a comandar os batalhões, como herança dos grandes mestres. A pioneira foi Therezinha Jansen, que assumiu o batalhão da Fé em Deus após a morte do mestre Laurentino, em 1975, e o conduziu enquanto viveu, até 2008. Atualmente, boa parte dos bois do Maranhão é liderada por mulheres. Entre elas estão Leila Naiva (Boi de Axixá), Regina Avelar (Boi da Liberdade), Nadir Cruz (Floresta), Concita Braga (Nina Rodrigues) e Maria José de Lima Soares (Maracanã).

A presença da mulher tem destaque também no campo da pesquisa sobre o bumba meu boi. Uma história em que se destacam Zelinda Lima, Rosa Mochel Martins, Maria do Socorro Araújo, Maria Michol Carvalho, Izaurina Nunes, Esther Marques, Andréa Oliveira, Marla Silveira, Luciana Carvalho, Conceição Cano, Juliana Manhães, Lady Selma e Simone Ferro.



Zelinda Lima

Zelinda Machado de Castro e Lima conviveu com a maioria dos grandes grupos e cantadores do bumba meu boi maranhense nos últimos 50 anos, entre eles Leonardo (Liberdade), Zé Olhinho (Santa Fé), Apolônio (Floresta) e João Cância (Pindaré). Quando criança, costumava conversar com os estivadores que carregavam sacas de arroz e açúcar para o armazém do seu pai, Leôncio de Castro. Muitos deles eram cantadores de boi e a menina gostava de ouvir e aprender suas toadas.

Zelinda mantinha uma ligação tão forte com a brincadeira, e os anos tinham tanto carinho por ela, que os grupos se apresentavam primeiro na porta de sua casa, no bairro do Apeadouro, em São Luís. Uma romaria de matracas e tambores indo pedir a bênção para a grande mãe antes de iniciar o período junino. Ao lado do marido, o escritor e historiador Carlos Lima, ela também atuou nas áreas de teatro, televisão, patrimônio cultural, culinária e turismo.

Como pesquisadora da cultura popular, Zelinda publicou os livros *Pecados da Gula – comeres e beberes das gentes do Maranhão*, *Rezas, benzimentos e orações – A fé do povo e O bumba meu boi como conheci*, dentre outros.



Therezinha Jansen

Boi da Fé em Deus - Sotaque de Zabumba

Perto de morrer, em setembro de 1975, Seu Laurentino fez um pedido para a amiga Therezinha: "Só morro tranquilo se a senhora ficar com o boi, vou lhe dar o boi, é seu". Para quem nunca havia pensado na vida em ser dona de um boi e de um tambor de crioula, foi um susto. Mas depois foi só entrega e devoção. Foram mais de 30 anos dedicados ao Tambor de Crioula Amor de São Benedito e ao Bumba-Boi da Fé em Deus, um dos mais antigos de São Luís, fundado em 1º de maio de 1930.

Therezinha de Jesus Jansen Pereira nasceu em um casarão da Rua Grande, em dezembro de 1928, em São Luís. Era bisneta de Ana Jansen, a "Donana, rainha do Maranhão", mulher que, diz a lenda, assombra as noites da velha cidade em sua carruagem. Ao assumir o boi do mestre Laurentino, tornou-se a primeira mulher a dirigir um grupo de cultura popular no Maranhão e seguiu os ritos da tradição, com muita disciplina. Morreu aos 75 anos, em novembro de 2008. Em seu velório, pretos, brancos e mulatos de diferentes classes sociais cantaram e dançaram por mais de quatro horas.

Regina dos Santos

Boi de Leonardo - Sotaque de Zabumba

Até o pai lhe pedir, perto de morrer, em 2004, que assumisse o bumba meu boi e o tambor de crioula da Liberdade, Regina, sua filha mais nova, nunca se imaginara herdeira do trono do Mestre Leonardo. Nascida em Cururupu, Claudia Regina Avelar dos Santos viveu com a mãe até os 10 anos, quando o pai foi buscá-la. No bairro da Liberdade, em São Luís, cresceu, estudou, depois foi viver no Rio de Janeiro e voltou em 1996.

Seu maior desafio desde que passou a administrar o Boi de Leonardo é mantê-lo vivo, original e ao mesmo tempo moderno e profissional, mas sem perder a sua essência. Regina sabe que o tempo vai transformando as manifestações da cultura popular, mas tem consciência do seu compromisso com o divino e o sagrado dessa tradição.

De tão ligado à história da comunidade, o boi, fundado na década de 1950, recebeu o nome do bairro. "Já são 64 anos de brincadeira. O boi era a vida do Mestre Leonardo e hoje também é a minha vida. Esse é o sentimento que eu tenho. Não me vejo mais fora disso aqui."



COLUNA DE AÇO

Serafim

*Lá vai, lá vai
A turma pesada
Que o adversário arreceia
Eu quero saber
porque ele me odeia
eu sou coluna de aço
se tu quer passar, arrudeia*



Nadir Cruz

Boi da Floresta - Sotaque da Baixada

Assumir um boi tradicional não é tarefa fácil. Como manter a chama viva de um batalhão que perde seu criador? Esse desafio foi aceito por Nadir Cruz, companheira de Apolônio, um dos símbolos mais fortes do bumba meu boi maranhense.

À frente do Boi da Floresta desde 2015, depois da morte de Mestre Apolônio Melônio, aos 96 anos, Nadir Cruz comanda cerca de 120 brincantes, entre cantadores, vaqueiros, índias, caboclos e baiantes, quase todos moradores do bairro. Ela chegou ali no final dos anos 1970, aos 13 anos, quando o boi reunia pouco mais de 30 integrantes, todos homens; bem diferente da cena atual, quando as mulheres representam mais de 40% do grupo.

Nadir começou desenhando, bordando e costurando as indumentárias dos brincantes e o couro do boi, mas aos poucos passou a organizar, modernizar e profissionalizar o Boi da Floresta. Autêntico representante do sotaque da Baixada, é motivo de orgulho para a cultura popular do Maranhão.

"Eu não administro isso sozinha, descentralizo as decisões. Hoje tem uma diretoria formada e um dos meus projetos no futuro é voltar a fazer o auto do boi, a morte do boi".

TOADA DE MUNDOCA

*Chegou o boi
Corre, morena, vem ver
Chegou o novilho novo
Que Nadir mandou fazer
É mais quem deseja comprar
Mas esse boi não é pra vender*

Leila Naiva

Boi de Axixá - Sotaque de Orquestra

Filha caçula de Francisco Naiva, criador do Boi de Axixá, em 1959, Luce Leila Bibiano Naiva herdou do pai firmeza e energia para conduzir um dos principais bois de orquestra do Maranhão. Hoje é presidente de honra do Boi de Axixá e o motor que põe o grupo para funcionar. Ela brinca dizendo que na barriga da mãe já dançava boi.

Quando Seu Naiva ficou doente em 2006, Leila pensou em desistir, mas o amor a ele e ao boi, além do apoio da família foram fundamentais para que aceitasse a herança. Um amor que gostava de demonstrar por meio da dança, primeiro como índia, dos seis aos 34 anos, e depois como vaqueira campeadora. Mesmo quando engravidou do filho mais velho, quatro meses antes do São João, ela estava lá, bumbando como se fosse a própria Mãe Catirina.

São 44 anos dedicados ao grupo, dançando, bordando e ajudando o pai. Ainda tentou estudar, começou pedagogia e administração, mas o boi não deixou que completasse nenhum dos dois cursos e seguiu vendo o rebanho crescer: das cinco índias e 50 integrantes do início, hoje são 120 e 50 deles de Axixá, entre bordadores e vaqueiros de fita.

Leila diz ter orgulho da identidade que o boi mantém no jeito de dançar, na cadência que o torna um dos preferidos do público. Também valoriza o fato de ter uma mulher cantadora, Verônica, que divide a interpretação das toadas com Manequinho.

Da tradição faz questão de manter alguns elementos originais do sotaque e diz não aceitar mudanças radicais. Um exemplo é o tambor onça, que muitos outros grupos abandonaram. Mais do que tradição, o que Leila defende é o amor ao boi. "Pra dançar boi tem que ter amor. Antigamente a gente chorava na morte do boi, parecia a perda de um ente querido, as índias choravam, tinha um sentimento".



ESSAS EMOÇÕES

Donato Alves

*Não importa a noite
De qualquer maneira nós vamos brincar
Preparem seus corações para essas emoções
Que trago de Axixá
O importante é que eu cheguei agora
Alegre como sempre, feliz a cantar
Canta comigo amor, dança comigo
Balança meu cordão
Eu sei que você vai gostar
Eu quero ver o vento louco teus cabelos balançar*

Concita Braga

Boi de Nina Rodrigues - Sotaque de Orquestra

A história do Boi de Nina Rodrigues está mais próxima da trajetória de sua criadora, Concita Braga (Maria da Conceição Fortes Braga), do que da tradição das orquestras do bumba meu boi. Festeira, primeiro criou, no final dos anos 1980, uma escola de samba, a Unidos de Vila Manga. Era o ensaio para dar vida ao filho mais amado, o Boi Brilho da Balaiada, em 1990, que depois virou o atual Boi de Nina Rodrigues.

Por causa do brilho de suas indumentárias e do ritmo acelerado das toadas, muita gente chama o Nina Rodrigues de 'paraboí', ao que Concita responde afirmando gostar desse diferencial. "Não temos compromisso com a tradição, mas com a inovação".

Há trinta anos Concita, ama e autora de todas as toadas, entra em cena com o boi dançando. A turma é grande, são 160 integrantes, dos quais 56 índias. "Não tenho herdeiros, sou a mãe do boi. Pari o novilho e acompanhei o seu crescimento. O caminho que construí para que ele chegasse onde está foi o caminho que sempre sonhei".



NORDESTE BRASILEIRO

*Eu canto meu Brasil
Meu Nordeste tão brejeiro, eh, ah
Feira de Caruaru, rendeiras do Ceará
Reggae, matraca, zabumba
Bumba meu boi do meu Mará*

*Eu canto meu Brasil, Brasil
Meu Nordeste de guerreiros, eh, ah
Do frevo, forró, baião
Índio, caboclo artesão
Sertão de Lampião
Nordeste é meu Maranhão*

Maria do Maracanã

Boi de Maracanã - Sotaque de Matraca

De mutuca, que acompanhava o boi e batia matracas, a presidente da Associação Recreativa Beneficente Folclórica e Cultural de Maracanã, responsável pela administração do Batalhão de Ouro, Maria conta 36 anos de uma história de arte, amor e fé. Ela viveu com Humberto de Maracanã durante 31 anos e tiveram três filhos: Itainara, Ilberto e Leudigera. Costuma dizer que São Pedro lhe deu o Guriatã, com quem começou a namorar em um 29 de junho, dia do santo padroeiro dos pescadores.

Em 2000, Humberto se afastou da administração do grupo para focar somente na arte de cantar e Maria assumiu a direção do batalhão. Sua doação ao grupo tem o reconhecimento da comunidade, que a mantém, passados 20 anos, na liderança da associação.

São cinco anos da morte do Guriatã e o Maracanã continua forte e unido. "A única coisa que não tem é o corpo, mas Humberto continua dentro da gente. São os mesmos preceitos e compromisso com a religiosidade. A família do Batalhão de Ouro é uma só", ela afirma.

Fazer parte de uma geração em que as mulheres são cada vez mais fortes no bumba meu boi é motivo de orgulho para Maria. "Temos garra, responsabilidade, força e energia, além de carinho e cuidado para levar com profissionalismo os nossos grupos. Cada uma de nós tem o seu trabalho, mas somos unidas".

A admiração por Humberto segue com ela e o que mais gosta é de ouvir e cantar junto as toadas do grande amor de sua vida. "Ele nunca cantou besteira, são verdadeiras poesias, inspiradas na mata, na lua, no mar, na estrela, no sol, na sereia..."

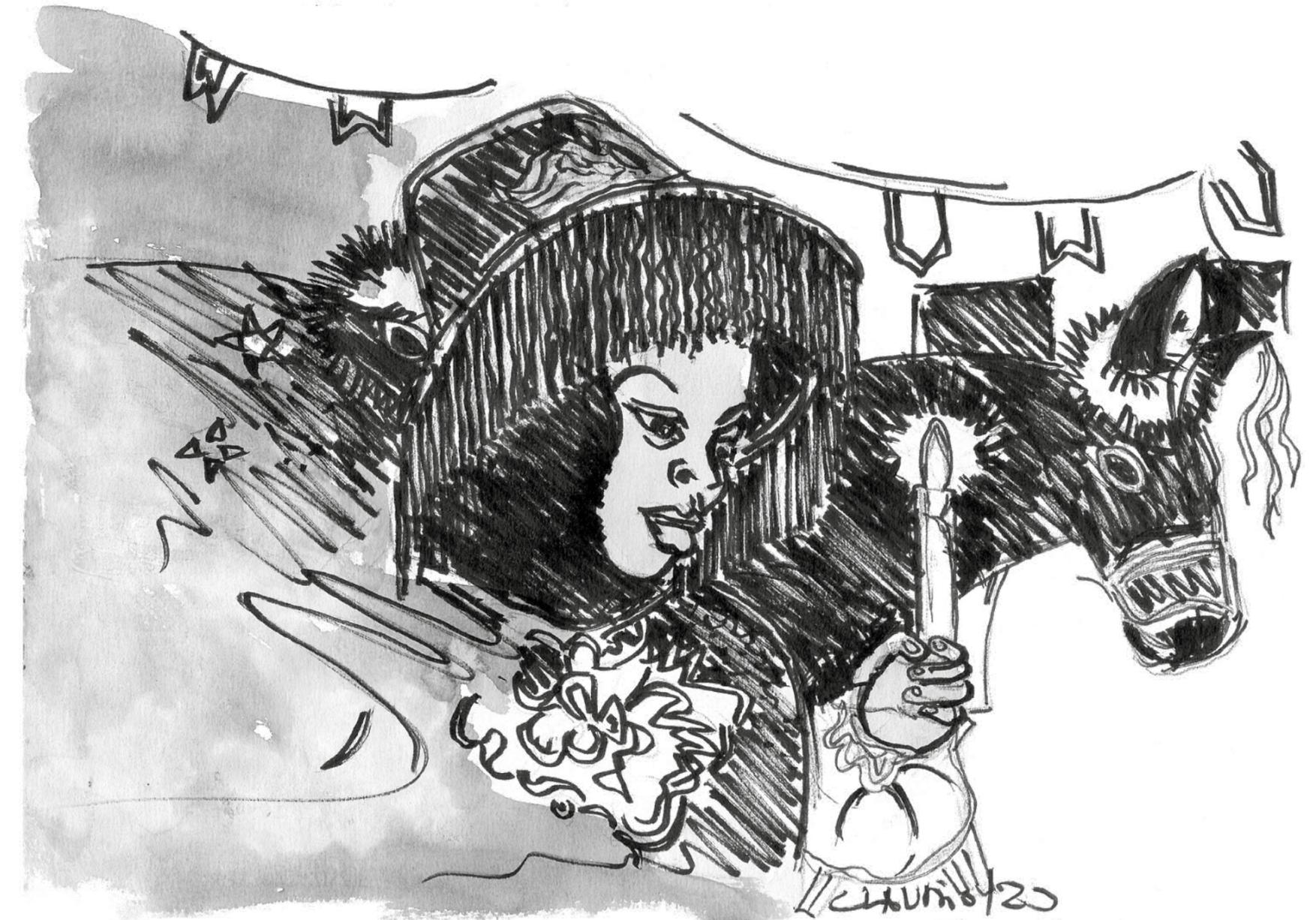


*Sereia linda de Cumã
Não vai esquecer Maracanã
Vem ver o meu touro brincar
Fazendo poeira no chão
Itacolomi ainda é teu meu batalhão*

MARIA FIRMINA NO BOI

Conhecida pelo romance *Úrsula* (1859), primeira obra abolicionista escrita por uma mulher e também um dos primeiros romances publicados por uma escritora no Brasil, Maria Firmina dos Reis (1822-1917) se destacou pelas três ficções que escreveu, além de poesia e crônicas. Muita gente desconhece, no entanto, sua ligação com a cultura popular, atuando como compositora e folclorista, na coleta e preservação de textos da cultura e da literatura oral.

Em estudo publicado sobre a sua obra (*Maria Firmina – Fragmentos de Uma Vida* – Sioge, 1975), o poeta e escritor Nascimento Moraes informa que ela compunha músicas para auto de bumba meu boi e cita no livro uma de suas toadas mais conhecidas. Maria Firmina viveu desde os cinco anos em Guimarães, região litorânea no norte do Maranhão, terra de vários batalhões do sotaque de zabumba.



Ritual de batismo do Boi da Fé em Deus, sotaque de zabumba

AUTO DE BUMBA MEU BOI

Letra e música de Maria Firmina dos Reis (fragmentos)

Lá vem a aurora

Lá vem o dia,

Lá vem "Caramba",

Que nós queria.

Chegou!!!

Ô já chegou

O boi "Caramba"

Com seus olho matadô

Adeus, roseira,

Adeus rosá,

Todo mundo cheira o cravo,

Eu também quero cheirá

O compositor maranhense Ronald Pinheiro fez, em 1977, a toada-canção *Mimoso*, que virou um dos hinos da música popular maranhense. "Ganhei um livro de Maria Firmina e quando abri, vi esses versos: *Senhora dona da casa/ eu também sou fumador/ mas a ponta que eu trazia caiu n'água e se molhou...* Aí, eu encaixei na melodia que tava fazendo. Foi uma forma de trazer a toada para o tempo presente", afirma o artista.

MIMOSO

E lá vai mimoso

Com todo seu guarnicê

Mas um dia a casa cai

E é mimoso que vai te comer

Ê boiada! Guarnicê

Ê, boi, Eê, boi

Ê boiada! Dá um beerrô!



Boi em frente ao altar da Casa das Minas

QUANDO A TOADA VIRA CANÇÃO

Joãozinho Ribeiro

Poeta e compositor

Sou cantador do tempo

E o tempo tenho cantado

Tempo que falta é futuro

Tempo que sobra é passado

Cantador que canta só

Canta mal acompanhado

No início dos anos 1970, compositores maranhenses começam a fazer canções que dialogam com a cultura popular, principalmente o bumba meu boi, entre eles Cesar Teixeira, Josias Sobrinho, Sérgio Habibe e Ronaldo Mota. Eles tiveram músicas gravadas no disco *Bandeira de Aço* (Discos Marcus Pereira, 1978) pelo cantor e percussionista Papete*. Outros compositores locais se destacaram nesse processo: Ubiratan Sousa, Giordano Mochel e Chico Maranhão, coautores dos clássicos *Tempo Certo*, *Auto do Boi Vagalume* e *Veluda*, respectivamente.



As toadas-canção passaram a fazer parte da programação das rádios maranhenses a partir do começo da década de 1980, inspirando outros artistas como Godão, Betto Pereira, César Nascimento, Joãozinho Ribeiro e Raimundo Jr. (Makarra), este último, autor de *Boi de Lágrimas*, que virou um hino do São João nos anos seguintes, gravado pelas cantoras Alcione e Flávia Bittencourt, além da Companhia Barrica.

Na década de 1990, o compositor Zeca Baleiro, em ascendente carreira nacional, amplia o alcance desse gênero ao gravar toadas de sua autoria e de alguns mestres do bumba meu boi. A maior expressão da cultura popular maranhense ganhava novas cores como um sinal de pertencimento, o bom orgulho de ser parte dessa matriz ancestral.

O fenômeno popularizou o bumba meu boi e aproximou mais ainda o maranhense dos grupos tradicionais, que começaram a gravar discos quase anualmente. Com isso, as toadas também passaram a ser ouvidas na programação das emissoras radiofônicas durante o período junino. Dois discos fundamentais marcam esse momento, o do Boi do Pindaré [1972], resgatado dos terreiros para as ondas do rádio com o sucesso *Urrou do boi*, de Coxinho, e o do Boi de Axixá, de Donato Alves e Francisco Naiva, que imortalizou a clássica *Bela Mocidade*. Esta última seria regravada por artistas de renome nacional, entre eles o maranhense Papete e a baiana Maria Bethânia.

A cantora também registrou em disco a toada *A coroa*, desafio do mestre Humberto de Maracanã que até hoje embala os terreiros juninos e foi adaptada pelos herdeiros do trono do Guriatã, Ribinha e Humberto Filho, após a morte do pai.

A coroa ainda existe

O rei Januário não levou

Não está no Iguaíba

Não está na Maioba

Não está na Pindoba

No Ribamar piorou

Quem usa ela são os filhos do Guriatã

Está no Maracanã

Que São João entregou

*José de Ribamar Viana (1947-2016), percussionista e cantor maranhense, um dos principais divulgadores do bumba meu boi. Gravou 18 discos e muitas toadas, principalmente do sotaque de orquestra, que popularizaram o boi nas rádios, entre elas *Rosa Amarela* e *Bela Mocidade*. Fez a coordenação editorial do livro *Os Senhores Cantadores, Amos e Poetas do Bumba Meu Boi do Maranhão*, importante registro sobre a manifestação e seus principais personagens.



Boi da Lua

Cesar Teixeira

Meu São João

Meu São João

Eu vim pagar a promessa

De trazer esse boizinho

Para alegrar sua festa

Olhos de papel de seda

Com uma estrela na testa.



Engenho de Flores

Josias Sobrinho

É, alumiô, toda terra e mar

Eu vi fortaleza abalar

Agora que eu quero ver

Se couro de gente é pra queimar

Boi de Catirina

Ronaldo Mota

Ai bumba-boi

Bumba bumbá

Me perdoa por querer

Tua língua só pra dar

Pra essa nega Catirina

Boi de Lágrimas

Raimundo Makarra

Sabiá, já mostrou seu canto

Encontrou cantor do Boi da Pindoba

É boi, chegou prenda do Rosário

Beirada nunca viu tanto brilho e clarim

Boi de Itamirim

Chico Saldanha

No mês de maio

Tá todo o povo ensaiando

E desse jeito eu não vou ficar aqui

Estrelas brilham no céu

Igual aos teus olhos brilhando pra mim

Eu já fiz minha promessa

Vou correndo ver o Boi de Itamirim

Tempo Certo

Ubiratan Sousa e Souza Neto

Dança caboclo ligeiro

Toca teu maracá

Bate o pandeiro mais forte

Que o norte precisa levantar

Pra ouvir meu boi

Vir anunciar

Que a festa do boi, é boi

Já vai começar



Veludo

Chico Maranhão e Claudio Valente

Veludo é couro de Pindaré

Que é céu de todo pessoal

Mandaram me chamar

Eu vim a pé

Para brilhar meu peitoral

Eta boi danado

Sérgio Habibe

Eu vim depressa menino

cortando o vento

quando eu soube que o boi

tava varrendo por aqui

.....

Eta boi danado, é boi

Eta boi danado, é boi

Boi de Haxixe

Zeca Baleiro

Diz o que tu quer que eu dou

Se tu quer que eu vá eu vou

Meu bem, meu bem-me-quer

Te dou meu pé, meu não

Um céu cheio de estrelas

Feitas com caneta bic num papel de pão

Auto do Boi Vagalume

Giordano Mochel e Rosa Mochel

Aqui está para ver

O nosso boi vaga-lume

Novilho de muito trato

Que Pai Francisco pegou

Arrancou-lhe toda a língua

Que Catirina fritou



Turma de cazumbás, personagens típicos dos bois sotaque da Baixada

GUARNICÊ

LÁ VAI

Leonardo

Boi da Liberdade - Sotaque de Zabumba

Lá vai, lá vai

Turma reunida

Que todos brincam com gosto

Nós aqui tamo abraçando

Seja errado ou seja torto

Nós não fizemo melhor

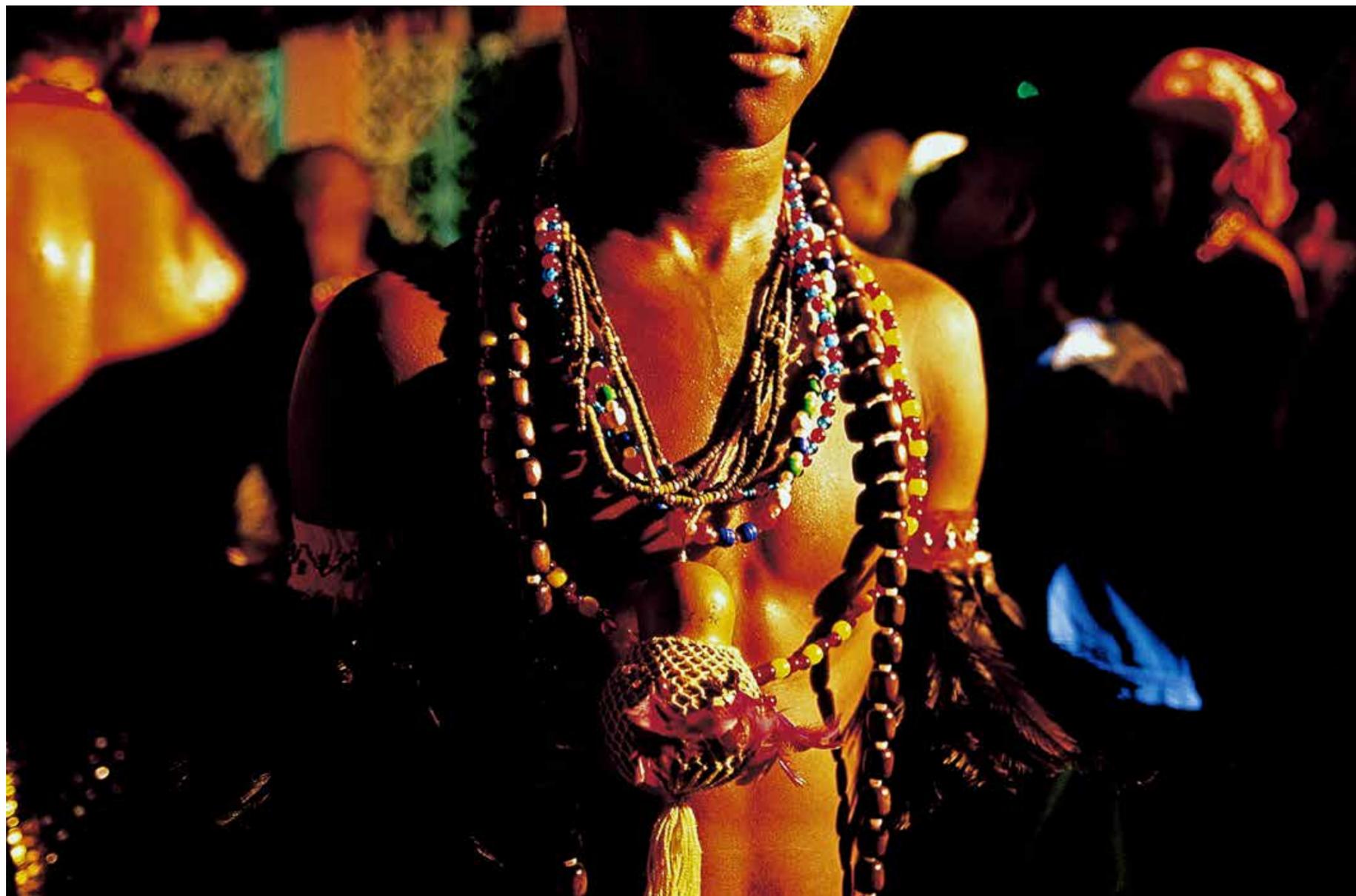
Porque não temo conforto



Caboclo de fita, o boi e caboclo de pena, personagens dos bois de matraca

Ê, BOI!





Índios dos bois sotaque da Baixada





Brincantes dos bois sotaque costa de mão, de Cururupu





Momentos de descanso no município de Viana





Afinando os pandeiros no terreiro do Boi de Maracanã





A zabumba e o pandeirinho, instrumentos típicos dos bois sotaque de zabumba





Tocadores de pandeiros dos bois sotaque costa de mão, de Cururupu





Caboclo de pena dos bois sotaque de matraca



Cazumba dos bois sotaque da Baixada



Grupo de índias do Boi de Maracanã, sotaque de matraca



Caboclo de pena do Boi de Maracanã, sotaque de matraca



Índias do Boi de Nina Rodrigues, sotaque de orquestra





Caboclos de fita do Boi de Maracanã em ritual de batismo





Tocadores de tamborinhos dos bois sotaque de zabumba





Índios e vaqueiros do Boi de Morros, sotaque de orquestra



Índios do Boi de Santa Fé, sotaque da Baixada



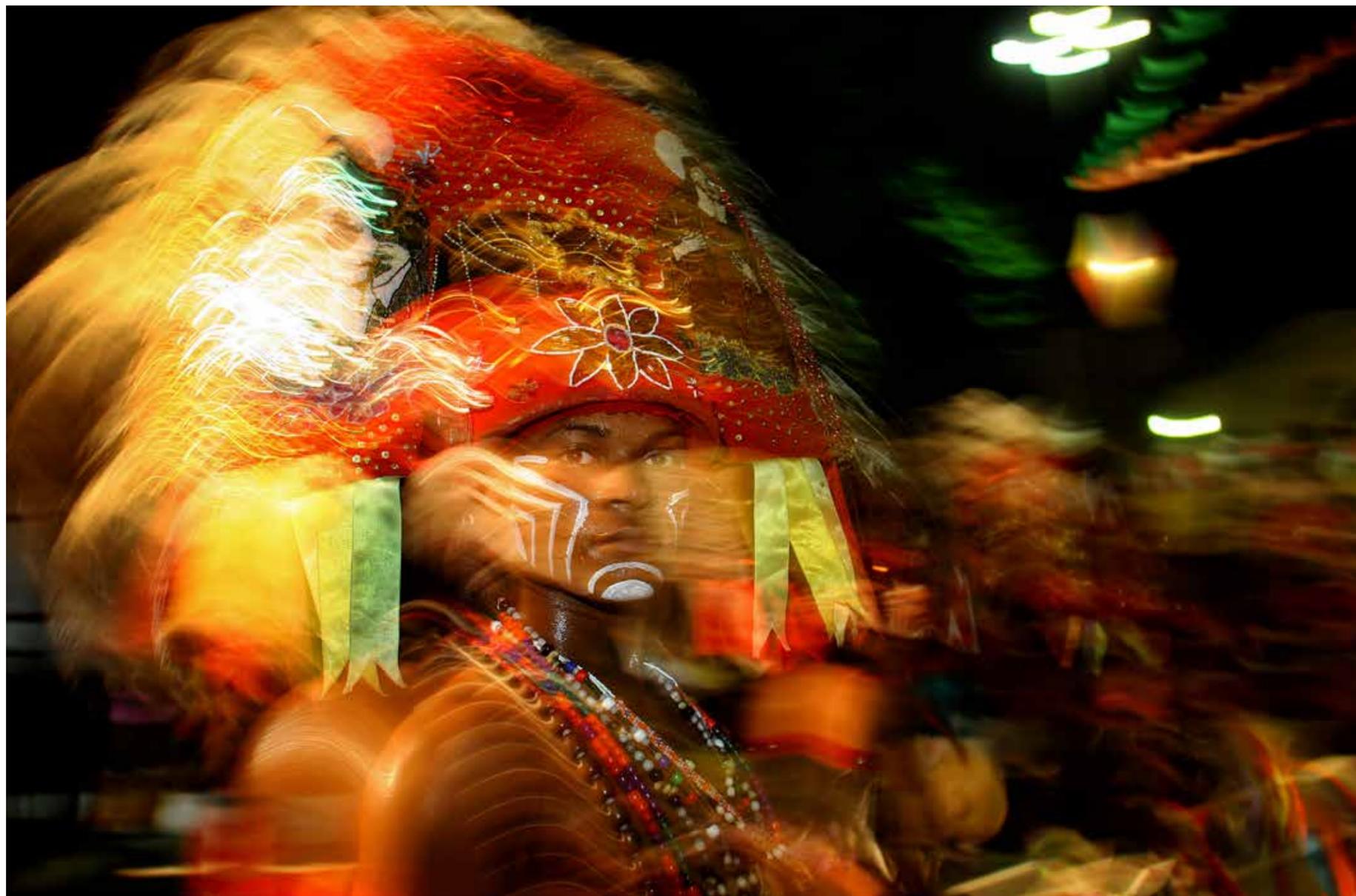
Grupo de cazumbas dos bois sotaque da Baixada





Cazumbas dos bois sotaque da Baixada





Índio do Boi de Apolônio, sotaque da Baixada



Burrinha do Boi de Apolônio, sotaque da Baixada



Tocadores de pandeiros do Boi Capricho do Povo, sotaque da Baixada



Ano Baiante Cabeceira Bói Burrinha Caipora Vaqueiro Novilho Galheiro Trupiada Catarina Nego Chico Batalhão
 São João São Pedro São Marçal Mutuca Rebanho Mourão Panducha Zabumba Pandeirões Maracá Tambor-onça Banjo
 Rajado Índia Tapuia Ano Baiante Cabeceira Bói Burrinha Caipora Vaqueiro Novilho Galheiro Trupiada Catarina Nego
 Terreiro Urrou Cantadores São João São Pedro São Marçal Mutuca Rebanho Mourão Panducha Zabumba
 Caboco-de-pena Caboco-de-fita Rajado Índia Tapuia Ano Baiante Cabeceira Bói Burrinha Caipora
 Sotaque Guaraniê Toada Miolo Terreiro Urrou Cantadores São João São Pedro São Marçal Mutuca Rebanho
 Apito Cazumba Caboco-de-pena Caboco-de-fita Rajado Índia Tapuia Ano Baiante Cabeceira Bói Burrinha
 Batalhão Bói Pandeirões Sotaque Guaraniê Toada Miolo Terreiro Urrou Cantadores São João São Pedro São Marçal Mutuca
 Matraca Costa-de-... T + Apito Cazumba Caboco-d... Índia Tapuia Ano Baiant... Bói Burrinha Caipora Vaqueiro Novilho...



Urrou Cantadores
 Caboco-de-pena
 Toada Miolo
 Apito C...
 Bói Pandeir...
 Matraca Costa...
 Nego Chico
 Maracá Tan...
 Bói Burrinha Caipora Vaqueiro Novilho...

Andor de procissão com imagem de São Pedro



Pai Francisco e Mãe Catirina do Boi da Fé em Deus, sotaque de zabumba



Pai Francisco e Mãe Catirina do Boi Oriente, sotaque da Baixada



Ritual de batismo, Boi da Fé em Deus e Boi de Apolônio





Índio típico dos bois sotaque da Baixada



Cazumba, personagem dos bois da Baixada



Riqueza dos bordados do Boi de Leonardo e de Cururupu





Pai Francisco e vaqueiros do Boi de Axixá, sotaque de orquestra





Cazumbas do Boi de São Cristóvão de Viana, sotaque da Baixada





Carregadeira do Santo ou Dona Maria, Boi de São Cristóvão de Viana



O miolo do Boi de São Cristóvão de Viana

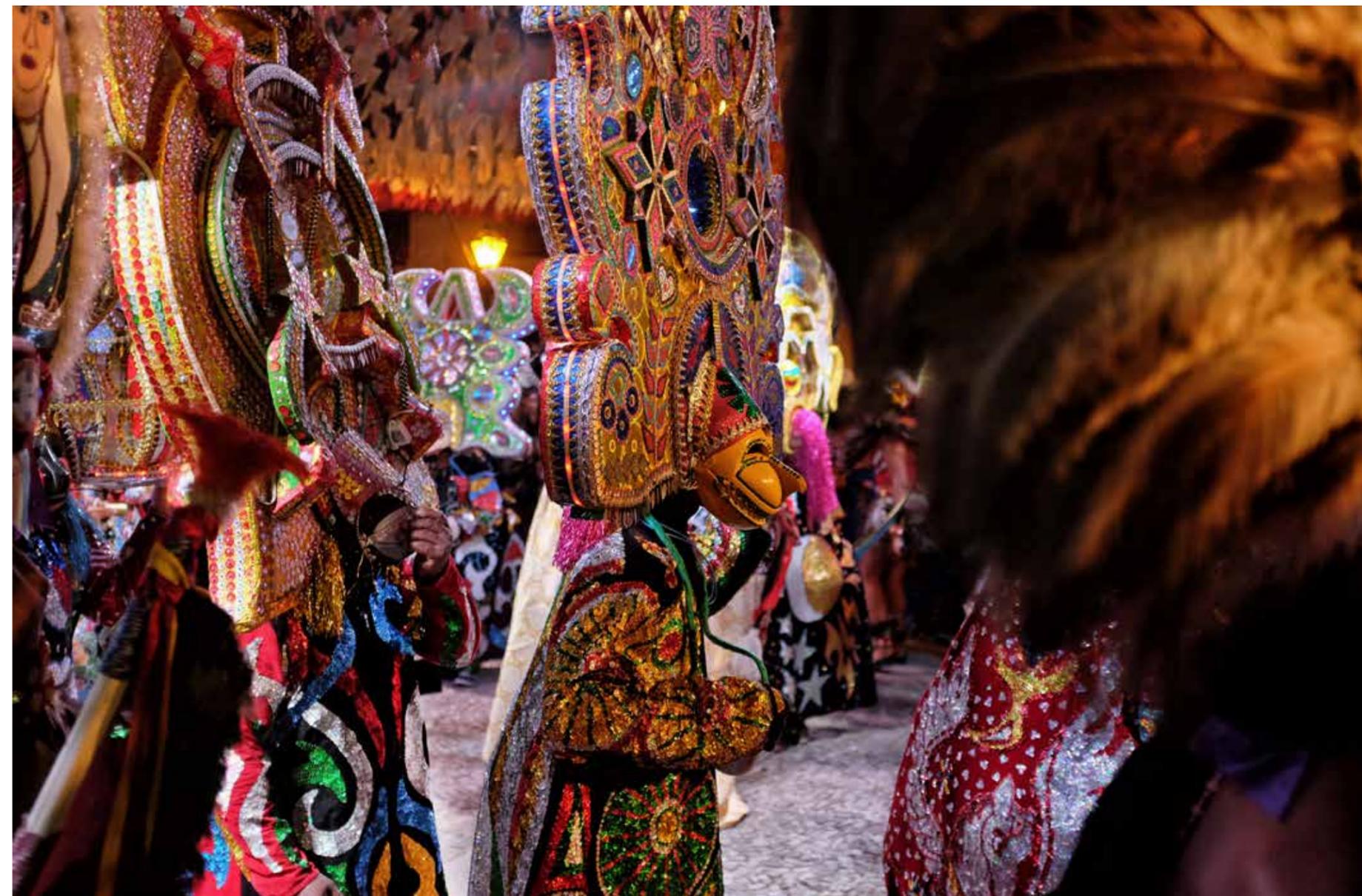


Cazumbas do Boi Brilho da Noite, de São João Batista





Índias do Boi de Santa Fé, sotaque da Baixada



Cazumbas do Boi de Santa Fé, sotaque da Baixada



Caboclo rajado do Boi União da Baixada



Brincante do Boi de Leonardo, sotaque de zabumba



Baianes do Boi Barrica, sotaque alternativo



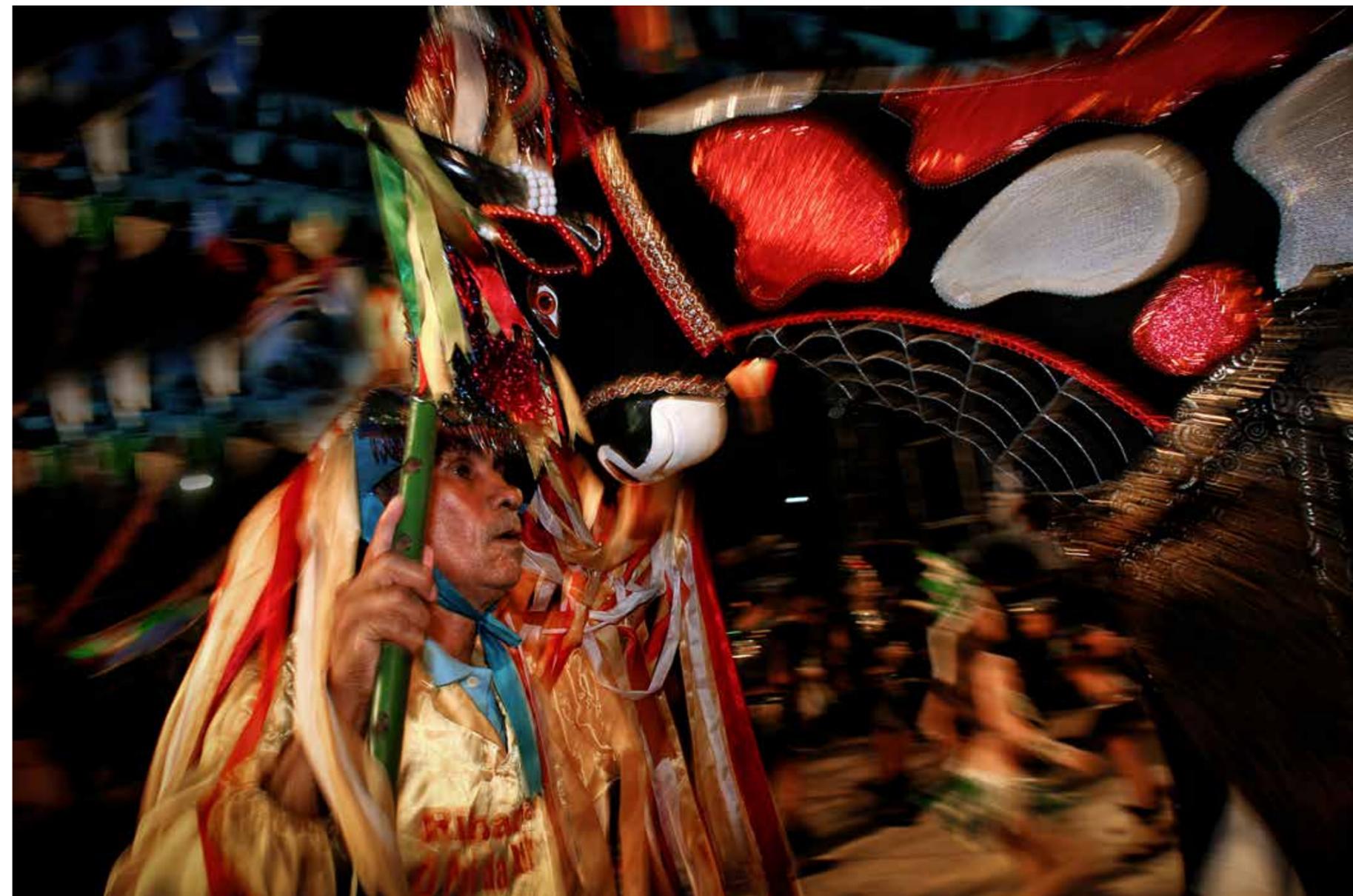


Ritual de derrubada do mourão

DESPEDIDA
João Cântico

Boi de Pindaré – Sotaque da Baixada

*Ê, vem chegando a madrugada
O sereno dela me molhou
Adeus, moça
O santo já me chamou
Adeus, adeus
Morena linda eu já vou*



Vaqueiro baila com o Boi de Ribamar



Baê, tocador de zabumba do Boi da Fé em Deus



Miolo, o homem que dá vida ao boi. Boi da Fé em Deus, sotaque de zabumba



Caboclo de pena faz evolução ao amanhecer no terreiro do Boi de Maracanã

BIBLIOGRAFIA

Os Senhores Cantadores, Amos e Poetas do Bumba Meu Boi do Maranhão

Coordenação editorial - Papete

Bumba Meu Boi do Maranhão

Américo Azevedo Neto

Matracas que desafiam o Tempo: É o Bumba Meu Boi do Maranhão

Maria Michol Pinho de Carvalho

Mídia e Experiência Estética na Cultura Popular

O Caso do Bumba Meu Boi

Ester Marques

Nome aos Bois - Tragédia e Comédia no Bumba Meu Boi do Maranhão

Andréa Oliveira

Dossiê de Registro do Bumba Meu Boi

IPHAN

A Construção Ilusória - Ressignificação e Recontextualização do Bumba Meu Boi do Maranhão a partir da Música

Antônio Francisco de Sales Padilha

Bumba Meu Boi: Som e Movimento

IPHAN - Coordenação editorial: Izaurina Maria de Azevedo Nunes

Nas Entranhas do Bumba Meu Boi

Marla Silveira

Memórias de Velhos – Volumes 5 e 7

Coordenação: Maria Michol Pinho de Carvalho

Memórias de um Corpo Brincante:

A Brincadeira do Cazumba no Bumba Meu Boi Maranhense

Juliana Bittencourt Manhães

FICHA TÉCNICA

Márcio Vasconcelos

Concepção, Coordenação Editorial e Fotografia

Celso Borges

Texto

Cláudio Vasconcelos

Ilustração

Maurício Vasconcelos

Projeto Gráfico

Velentina de Oliveira

Revisão de Texto

IPHAN

Consultoria e apoio técnico

Gráfica Santa Marta

Impressão

Contato: mbvasconcelos85@gmail.com

As fotografias foram realizadas entre 2005 e 2020

Agradecimentos

Ted Lago, Deborah Baesse, Andréa Oliveira, Izaurina Nunes, Jandir Gonçalves, Elizabeth Vasconcelos, Fábio Nahuz, Roberto Furtado, Eduardo Vasconcelos, Vinícius Vasconcelos, Benjamim Paiva e, em especial, a todos que fazem a cultutra popular do Maranhão e que foram fundamentais para a realização deste trabalho.

B732b Vasconcelos, Márcio

Bumba meu boi do Maranhão: patrimônio cultural imaterial da humanidade. Márcio Vasconcelos (organizador); texto de Celso Borges; fotografia de Márcio Vasconcelos; ilustração de Cláudio Vasconcelos – São Luís: Pitomba, 2021

144p.

ISBN 978-65-873610-2-4

1.Cultura Popular 2.Bumba meu boi. 3.Maranhão. 4.Folclore. I.Título

CDD 306
CDU 39(812.1)





Este projeto foi contemplado pelo XVI Prêmio Funarte Marc Ferrez de Fotografia 2021

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES
funarte